

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GUSTAVO CERQUEIRA MENDES DE SOUSA

UM, TODOS, NINGUÉM...

As massas no nazismo sob a ótica da Psicologia Analítica

São Paulo

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GUSTAVO CERQUEIRA MENDES DE SOUSA

UM, TODOS, NINGUÉM...

As massas no nazismo sob a ótica da Psicologia Analítica

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profª Drª Líliliana Liviano Wahba

São Paulo

2009

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a meus queridos pais Hilton e Vilma, por estarem ao meu lado tanto nos momentos luminosos como nos mais difíceis. Por sempre me apoiarem e por acreditarem em mim mesmo quando a Psicologia se encontrava à distância de um oceano, muito obrigado.

Agradeço à minha orientadora Liliana, pelo empenho, dedicação e constante incentivo para que este trabalho se tornasse tudo aquilo que eu desejava.

À Marisa, querida professora e tutora, por me acompanhar nos primeiros passos no curso. Sem você, a Psicologia Analítica permaneceria como uma experiência eternamente sombria.

À Fernanda e Francisca, pelos bares e cafés que abrigaram tantas discussões, sobre o tudo e o nada ao mesmo tempo. Pela atenção e carinho, somente posso lhes agradecer.

À Marjorie, agradeço pelo apoio e compreensão nessa difícil reta final. Sua presença foi fonte e motivo de grande inspiração.

Agradeço também a todos os grandes amigos e amigas que estiveram ao meu lado durante esses tantos anos de faculdade, Bianca, Cris, Mari, Samir, Ingrid, Tânia, Germano e tantos outros que foram a melhor companhia que alguém poderia desejar em todos esses anos. Meus sinceros agradecimentos aos amigos do passado e aos do presente. Espero que caminhemos rumo ao futuro.

Minha profunda gratidão aos grandes mestres que tive ao longo dessa jornada e que contribuíram para meu crescimento como ser humano e como profissional. Beth Montagna, Saadeh e Elô Penna, com vocês eu construí o psicólogo que existe em mim.

Por fim, mas de longe menos importante, agradeço a minha querida mestra e amiga Ciça Vilhena. Cada página que segue somente foi possível devido ao carinho, atenção, sensibilidade e ajuda que você me dedicou. Quaisquer palavras aqui escritas seriam insuficientes para ilustrar a importância que você teve nesta parte do processo de tornar-se profissional. Sem você, este trabalho nunca se tornaria real.

“Aquilo que não fazemos aflorar à consciência aparece em
nossas vidas como destino”.

C. G. Jung
(1875-1961)

RESUMO

SOUSA, Gustavo Cerqueira Mendes de. **Um, todos, ninguém**: As massas no nazismo sob a ótica da Psicologia Analítica. São Paulo, 2009. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

O presente trabalho tem por objetivo analisar os fatores que conduziram as massas à adesão ao Nacional-Socialismo na Alemanha no início do século XX, assim como introduzir uma reflexão acerca dos significados que o nazismo comporta na contemporaneidade. Na primeira parte do trabalho é apresentado o contexto social, político e econômico do país, com o intuito de identificar o cenário histórico sobre o qual se assentou o nascimento do movimento nacional-socialista. Na seqüência, o foco é a investigação dos motivos e disposições psicológicas das massas que culminaram na recepção voluntária de uma nação ao regime nazista, tendo como referencial a Psicologia Analítica desenvolvida por C. G. Jung. Nesta parte, a discussão gira em torno das relações compensatórias na dimensão individual e cultural entre as polaridades consciente e inconsciente. Para a análise proposta, são consideradas as representações do símbolo paterno na cultura alemã, o movimento antissemita e a ideologia de superioridade racial, assim como a perspectiva do processo de individuação contraposta à participação inconsciente na massa. Por fim, são discutidos os impactos do nazismo no pós-guerra e é proposta uma reflexão acerca da noção do Mal do ponto de vista psicológico, articulada com a idéia de alteridade na perspectiva da Psicologia Analítica.

Palavras chave: psicologia analítica, nazismo, massas, mal, alteridade.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1. Foto de revistas expostas em banca de jornal na cidade de São Paulo, cujo tema é o Nazismo e a II Guerra Mundial (2009).	7
Figura 2. Foto de revistas expostas em banca de jornal na cidade de São Paulo, cujo tema é o Nazismo e a II Guerra Mundial (2009).	7
Figura 3. Foto de revistas expostas em banca de jornal na cidade de São Paulo, cujo tema é o Nazismo e a II Guerra Mundial (2009).	7
Figura 4. Foto de Hitler discursando para as massas. A imagem foi extraída da revista História ilustrada do nazismo e pertence ao Arquivo Giunti.	16
Figura 5. Foto da juventude nazista executando a saudação hitlerista. A imagem foi extraída da revista História ilustrada do nazismo e pertence ao Arquivo Giunti.	29
Figura 6. Foto de roupas e calçados amontoados em um campo de extermínio nazista. A imagem foi extraída da revista História ilustrada do nazismo e pertence ao Arquivo Magnum/Contrasto.	45

SUMÁRIO

1	Introdução	8
2	Objetivos e Método	13
2.1	Objetivos	13
2.2	Método	13
	PARTE I - UM	15
3	O III Reich	17
3.1	Contextualização histórica da ascensão nazista	17
3.2	Hitler – Gênio perverso ou perverso genial?	21
	PARTE II - TODOS	29
4	Pressupostos teóricos da Psicologia Analítica	31
5	A emergência arquetípica	35
6	Albert Speer – o fator complexo	38
7	Representações do paterno na Alemanha nazista	41
	PARTE III - NINGUÉM	46
8	Antissemitismo, ideologia racial e o pensamento mágico	48
9	Massa e individuação	54
10	Discussão	59
11	Considerações finais	70
	REFERÊNCIAS	72
	FILMOGRAFIA	75



1 Introdução

Toda pesquisa nasce de um incômodo. Mediante a experiência desse incômodo, o pesquisador se vê na tarefa de formular questões que lhe permitam identificar e investigar um fenômeno, de acordo com o objetivo de sua pesquisa. Além disso, é importante ter em vista a relevância do tema escolhido, de forma que a pesquisa não corresponda a algo de interesse exclusivo do pesquisador e possa ser compartilhada com outros que também queiram saber mais do assunto.

Ao ser convocado a explicitar os motivos que me conduziram a escolher o presente tema para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), logo percebi que essa não corresponde a tarefa das mais fáceis. Sem conseguir fugir à forma mais clichê de apresentar e introduzir um tema, decidi começar pela origem, pelo momento de nascimento da idéia central que sustentou meu trabalho. E assim como toda pesquisa, meu trabalho também nasceu de um incômodo. Um incômodo chamado nazismo.

Durante muito tempo, cultivei um profundo fascínio por regimes ditatoriais e autoritários, na medida em que estes correspondem a fenômenos de massa, manifestações de coletivos humanos em proporções monstruosas. Dentre todas as ditaduras e totalitarismos registrados pela humanidade, o movimento nazista alemão sempre foi aquele que mais me despertou interesse, muito possivelmente por apresentar características singulares quando comparado a outras manifestações coletivas no seio de um Estado total. Apesar do autoritarismo ser um aspecto incontestável do regime nazista, seu caráter popular chama a atenção e atesta a importância da adesão maciça de parte expressiva da população na ascensão do Partido Nacional-Socialista ao poder.

No ano de 1939 a humanidade viveu a máxima expressão do poderio e da potência nazista na Alemanha, sob a liderança de Adolf Hitler (1889-1945) e seu império, o III Reich¹. O nazismo, enquanto expressão extrema da possibilidade irracional humana foi responsável pela morte de milhões de pessoas e por uma das mais violentas guerras pelas quais a humanidade já passou. Ao final da II Guerra Mundial houve grande mobilização por parte de uma larga esfera da sociedade, no âmbito político, cultural, artístico e acadêmico, na tentativa de discutir e elucidar o ocorrido na Alemanha ao longo do início do século XX.

Um dos aspectos que mais aturdiu aqueles que tentavam compreender o ocorrido foi justamente sua aceitação popular. Mobilizada em torno de uma idéia megalomaniaca de purificação da raça, a população alemã defendeu o nazismo de forma voluntária, *apesar* do emprego de força física e da violência característicos de um regime autocrático. Não obstante, passados quase setenta anos do Holocausto, o fenômeno nazista reafirma sua

¹ O termo *Reich*, original do alemão, significa império.

atualidade por intermédio de sua recorrente reaparição no discurso popular e das contínuas tentativas de esclarecê-lo.

Na contemporaneidade se observa uma reemergência do tema em inúmeros meios de comunicação, como revistas, jornais, documentários televisivos e produções cinematográficas. Apenas para citar alguns exemplos de filmes recentes abordando o nazismo ou os incidentes da II Guerra Mundial, encontramos a produção alemã *A onda* (2008), os germano-americanos *O leitor* (2008) e *Operação Valquíria* (2008), o anglo-americano *O menino do pijama listrado* (2008), além do ítalo-germânico *A queda – As últimas horas de Hitler* (2004) e do austro-germânico *Os falsários* (2009). Até mesmo o Brasil se aventurou recentemente no relato de uma história nacional que se entrelaça com os campos de concentração nazistas, com a realização de *Olga* (2004).

Frente à representação que o cinema oferece do imaginário consciente e inconsciente do coletivo, as produções acima citadas correspondem a um material de grande relevância, tanto para ilustrar como para aprofundar as diversas questões que surgem para todo aquele que decide se aventurar na complexa análise do fenômeno nazista. Ao longo deste trabalho, alguns dos filmes supracitados são utilizados com o objetivo de introduzir a discussão, conforme apresentam alguma questão que se entrelaça com o foco deste estudo.

Além do cinema, reportagens publicadas em maio e junho de 2008 pela revista *ISTOÉ* e pelo jornal *O Estado de São Paulo*, respectivamente, apresentam com destaque matérias enfocando a formação de grupos neonazistas no Brasil. O homicídio de dois integrantes do partido envolvendo uma disputa por poder teria revelado uma rede neonazista no Brasil com ligações internacionais com inúmeros países, como Inglaterra, França, Alemanha e Argentina. Organizados em facções espalhadas por inúmeros estados, o plano central do partido era apoiar a eleição de vereadores em Santa Catarina e gradualmente se fortalecer politicamente, com o objetivo derradeiro de iniciar um movimento separatista e criar um novo país. Como pano de fundo, o partido compartilha as características fundamentais do NSDAP² alemão, tais como a crença no totalitarismo ditatorial e a defesa da pureza racial.

O artigo da *ISTOÉ* ainda menciona um estudo realizado pelo “Instituto Americano da ONU para Prevenção do Delito e o Tratamento do Delinqüente” realizado em 1999, que aponta a existência de mais de trinta grupos organizados no território brasileiro que se embasam em idéias e teorias nazistas. Além disso, outro estudo mencionado no artigo aponta a existência de cerca de vinte mil sites na internet que pregam o neonazismo, somente nos idiomas português, espanhol e inglês. Segundo sua pesquisa, cerca de 150 mil acessos a esses endereços foram realizados apenas do Brasil.

² NSDAP é a abreviação de *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* em alemão. A tradução para o português é Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

A recente retomada do interesse pela II Guerra Mundial, pela figura de Adolf Hitler e pelos acontecimentos relacionados à ascensão e ao declínio do regime nazista é notável, e corrobora a hipótese da atualidade do fenômeno³, constatando a importância de se considerar o ocorrido na Alemanha como elemento basilar de aprendizado para a humanidade. Nessa perspectiva, o conhecimento histórico é essencial via de elucidação das motivações e disposições psicológicas de indivíduos e coletivos humanos, bem como de sua estruturação e organização sociais.

No terreno científico da Psicologia é notável a escassez de produções acadêmicas até o momento destinadas ao nazismo e suas vicissitudes. Na atualidade se observa que as tentativas de compreensão do fenômeno acabam restritas a historiadores e sociólogos. Sem sombra de dúvida, a História e a Sociologia oferecem inquestionáveis contribuições para uma análise dos fenômenos de massa. Todavia, a Psicologia também se configura como uma ciência cujos conhecimentos podem, em muito, acrescentar às análises acima citadas, como se pretende investigar ao longo desta pesquisa.

Para atingir os fins acima propostos, o referencial teórico que sustenta a análise é a Psicologia Analítica, fundada pelo psicólogo e psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Além dos escritos deixados pelo próprio autor que se referem explicitamente à psicologia da nação alemã durante os anos nazistas, outros autores junguianos contemporâneos também apresentam valiosas contribuições ao discutir o tema. Os conceitos e idéias apresentados pela Psicologia Analítica fornecem uma base significativa para a análise dos fenômenos de massa, como se pretende demonstrar com a execução deste trabalho.

É digno de nota que, durante os anos que sucederam a II Guerra Mundial, grande discussão foi produzida no círculo acadêmico acerca de uma potencial simpatia de Jung pelo movimento antissemita. Contudo, apesar de o pesquisador ter ciência da suposta alegação de envolvimento do psiquiatra suíço com o Nacional-Socialismo, tal discussão foge ao escopo do presente trabalho. Assim como Wahba (2004) discute, apesar de alguns acreditarem que Jung de fato flertou com o ideário nacionalista alemão no início do século XX, em nenhum momento se mostra de forma explícita qualquer asserção que vá ao encontro da noção de que Jung tenha verdadeiramente aderido ao movimento ou que tivera qualquer simpatia pelo mesmo. A esse respeito, talvez valha apenas mencionar que as controvérsias de algumas de suas afirmações não comprometem a profícua importância de seus escritos e tampouco diminuem a relevância de suas idéias para a compreensão do fenômeno.

³ Vide imagens apresentadas no início da introdução, retratando capas de revistas atuais comercializadas em bancas de jornais na cidade de São Paulo.

Quanto a esse aspecto, algumas considerações se fazem necessárias. Ao debater sobre um fenômeno cercado por grande polêmica e controvérsia como o nazismo, esta pesquisa se apresenta como uma tentativa de analisar e compreender os fatos da forma mais fiel e rigorosa possível. Dessa maneira, apesar das dificuldades presentes em se abordar o assunto, o objetivo é enfrentar de forma corajosa e consciente os problemas que se apresentam na retomada de um fenômeno de incrível complexidade, sem que isso corresponda a qualquer defesa ou apologia aos ideais nazistas. Assim como Arendt (1989) assinala no prefácio de *Origens do totalitarismo*, o ato de compreender não representa a negação da angústia provocada com a dureza dos fatos, mas sim um passo em direção ao enfrentamento consciente da realidade. Na mesma direção, Byington (2003) afirma que “ao tentar explicar qualquer fenômeno humano, primeiro é preciso admitir, por mais terrível e desumano que seja, que ele faça parte da vida”.

Nessa perspectiva, este projeto se desenvolveu a partir da premissa de que o aprendizado histórico e a atenta investigação dos mecanismos psicológicos envolvidos na adesão ao nazismo na Alemanha do início do século XX podem contribuir para uma melhor compreensão dos movimentos de massa, bem como do funcionamento da psique individual imersa em um ideal coletivo.

O título do trabalho foi paulatinamente se desenhando ao longo de sua execução, a partir das várias perspectivas de avaliação dos motivos que permitiram e deram força ao nazismo. Antes de tudo, o título reflete as múltiplas abordagens do fenômeno nazista, a rigor, as distintas hipóteses acerca da responsabilidade pela manutenção e pelo progresso do ideal maniqueísta de discriminação racial promovido pelo NSDAP. A questão que se impõe ao se considerar com maior cautela os motivos arraigados na base do nacional-socialismo alemão é se o nazismo foi apoiado por um sujeito, por todos ou se simplesmente, sua origem e existência não pode ser atribuída a ninguém de forma exclusiva, ao se configurar como o produto resultante de um complexo entrelaçamento de eventos.

De outro lado, o título remete ao caminho percorrido pela ideologia nazista ao longo da primeira metade do século XX. Inicialmente o nazismo aparece como o projeto de reforma social confabulado por *um* único indivíduo, um pintor e arquiteto frustrado oriundo de uma família pequeno-burguesa do interior da Áustria. Na seqüência, mediante a catarse coletiva e a mistificação provocadas ao longo do “reinado” de Hitler, o discurso nazista passa a ser a voz de *todos*. Isso se transforma nos anos posteriores à guerra, em que a humanidade, ao tomar conhecimento da catástrofe e dos perigos do ideário nazi-fascista, se esforça para garantir que este seja enterrado como representante de uma profunda mácula humana, interdito a todos e acessível a *ninguém*.

Partindo desse princípio, consciente da amplitude do tema e da impossibilidade de se realizar uma análise capaz de esgotar um assunto de grande complexidade, o

desenvolvimento do trabalho visa atingir uma melhor compreensão do processo pelo qual as massas se deixaram iludir politicamente e concederam apoio incondicional a um movimento nacionalista que defendia o extermínio em massa, com base em uma irracional teoria de superioridade racial.

Na primeira parte do trabalho, denominada “UM”, é apresentado o contexto histórico de emergência do nacional-socialismo, características do NSDAP – o Partido Nacional-Socialista – assim como considerações acerca de seu líder e mentor, Adolf Hitler. O enfoque dessa seção é investigar o que é peculiar, ou seja, particular do movimento nazista na Alemanha, no início do século XX. Sendo assim, nessa parte, que introduz a discussão sobre o nazismo, o tema é a unidade – um partido, um líder, uma mensagem, um objetivo.

A segunda parte do trabalho, intitulada “TODOS”, apresenta as contribuições da Psicologia Analítica na compreensão do fenômeno nazista, envolvendo a ampla participação das massas no nazismo e os mecanismos psicológicos que determinaram a consecução do ideal nacional-socialista. A teoria junguiana e seus conceitos, como inconsciente pessoal e sombra, individuação, arquétipos e inconsciente coletivo, são articulados e exemplificados por meio de filmes atuais que apresentam o tema, assim como pelo caso particular de Albert Speer, ministro dos armamentos no III Reich. Nessa parte, o foco passa a ser o que pode ser identificado como universal no nazismo, ou seja, o que se apresenta como característica capaz de transcender a especificidade do momento histórico.

Por fim, em “NINGUÉM”, terceira e última parte deste trabalho, são discutidos os mecanismos pelos quais o nazismo suprimiu os potenciais e capacidades individuais humanos, produzindo uma redução do indivíduo à etnia e ao papel social desempenhado no grupo. Além disso, a perspectiva de individuação no interior da massa também ganha destaque nessa seção. O termo “ninguém” aparece tanto para ilustrar a coisificação do humano sob a ótica nazista quanto é ironicamente lançado como uma provocação à reflexão.

Na discussão, o debate gira em torno dos impactos do nazismo após o Holocausto, a culpa no pós-guerra, e é considerada a problemática de uma reapresentação do fenômeno na atualidade. O nazismo é apresentado como um símbolo do Mal na atualidade e, nesse contexto, a discussão aborda as perspectivas de transformação e resignificação do problema que o nazismo apresenta às novas gerações – a aniquilação do outro pela incapacidade de lidar com as diferenças na contemporaneidade *versus* a possibilidade da alteridade, do reconhecimento e respeito ao diferente.

Afinal, o nazismo foi impulsionado por um, todos ou ninguém?

2 Objetivos e Método

2.1 Objetivos

A pesquisa realizada foi orientada a partir de dois objetivos, um específico e outro geral. São eles:

- Objetivo específico: investigar os motivos que conduziram as massas à adesão aos ideais nacional-socialistas na Alemanha sob o referencial da Psicologia Analítica.
- Objetivo geral: investigar os significados que o nazismo apresenta à contemporaneidade, mediante a reflexão do nazismo como uma representação simbólica do Mal.

2.2 Método

Tendo em vista que o trabalho em questão é uma pesquisa de cunho teórico, a metodologia adotada foi a revisão da literatura já escrita a respeito do tema e considerada relevante para os objetivos acima descritos. As bases de dados utilizadas para a pesquisa foram as bibliotecas da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), do CCSP (Centro Cultural São Paulo) e da SBPA (Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica). Além disso, foi utilizado também o site de busca Google Acadêmico. As principais palavras procuradas nas bases de dados acima citadas, em ordem de relevância, foram: “nazismo”, “massas”, “Hitler”, “Jung/Psicologia Analítica e nazismo”, “Jung/Psicologia Analítica e massas”, “nacional-socialismo”, “III Reich” e “propaganda nazista”. Outros materiais, como jornais, revistas e documentários, foram procurados em bancas de jornal.

A primeira etapa de coleta de dados consistiu na pesquisa de materiais atuais, como revistas populares, filmes, jornais e demais publicações que discutissem o nazismo na contemporaneidade. Esse processo facilitou a delimitação do problema de pesquisa e contribuiu para justificar a relevância do tema. Quanto aos filmes, algumas cenas foram utilizadas de forma a ilustrar alguma situação ou problemática discutida ao longo do trabalho.

A segunda etapa envolveu a compilação de material histórico que apresentasse de forma objetiva os acontecimentos na dimensão política, econômica e social na Alemanha do início do século XX. De acordo com Eco (1995, p.3):

Não quer isto dizer que quem faz uma tese de compilação feche o caminho para a pesquisa; a compilação pode constituir um ato de seriedade da parte do jovem pesquisador que, antes de propriamente iniciar a pesquisa, deseja esclarecer algumas idéias, documentando-se bem.

Dessa forma, o objetivo dessa etapa foi contextualizar o fenômeno do nazismo a partir do período histórico que circunscreveu sua ocorrência, delinear a ordem cronológica dos fatos e acontecimentos e ter maior propriedade dos dados concretos ocorridos na época.

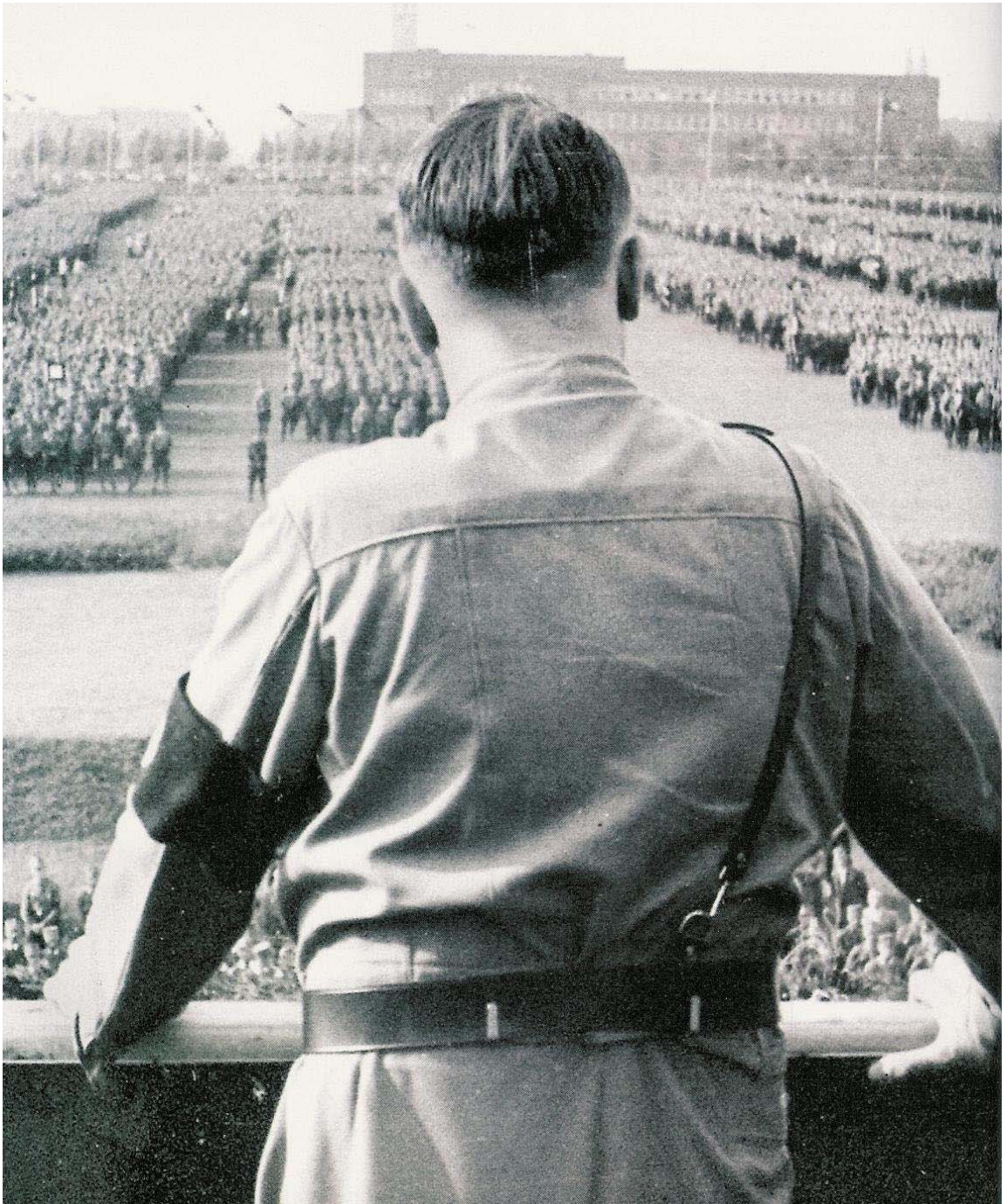
Em uma terceira etapa do processo de revisão da literatura, foi pesquisado material escrito por teóricos e psicólogos com orientação na Psicologia Analítica que estivesse diretamente relacionado ao tema do nazismo. Na seqüência, foi investigado material de psicólogos de distintas orientações teóricas que pudessem contribuir à discussão do tema. Ainda foram pesquisados teóricos da Psicologia Analítica cujos conceitos ou idéias, apesar de não se relacionarem de forma explícita ou direta com o fenômeno do nazismo, contribuíam profundamente para a discussão e ampliação do foco sobre o tema.

Por fim, foi pesquisado material que discutisse o Mal na perspectiva da Psicologia Analítica, tendo como referência a hipótese de que o nazismo se apresenta como uma experiência de profundo caráter simbólico e relevância na atualidade. A partir da revisão da literatura sobre o tema se propôs uma discussão que relacionasse o fenômeno nazista à concepção psicológica do Mal.

As categorias de análise foram definidas mediante a constatação de quais temas eram mais freqüentes na discussão acerca das massas no nazismo, tanto na literatura popular como na acadêmica. O resultado final da discussão foi obtido por meio da aproximação desses temas com a teoria da Psicologia Analítica e da articulação do material já desenvolvido julgado significativo para o objetivo do trabalho.

Parte I

UM



3 O III Reich

3.1 Contextualização histórica da ascensão nazista

Para melhor atingir o objetivo proposto se torna fundamental a consideração da dimensão política, econômica e social que envolvia a Alemanha nos anos precedentes à Guerra. Em outras palavras, ao retomar os anos que precedem a ascensão do Partido Nacional-Socialista alemão ao poder, se pretende alcançar uma compreensão mais ampla dos elementos que conduziram a nação alemã a um regime totalitário calcado no extermínio em massa de populações e etnias julgadas inferiores e também ameaçadoras.

As referências históricas que servem de alicerce para o desenvolvimento da apresentação a seguir foram retiradas essencialmente de três obras; a *História Ilustrada do Nazismo, Vol. I e II* de Minerbi (2009a., 2009b), publicada pela Larousse, e os textos escritos para uma edição especial da revista *História em Curso* por Vitorino (2009), sobre a II Guerra Mundial.

A Grande Guerra, ou I Guerra Mundial (1914-1918), teve como prelúdio o assassinato de Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, em junho de 1914. A partir daí, teve início um conflito de ordem mundial que culminou na oposição de duas grandes forças: A Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia – os EUA entram apenas em 1917) e a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Áustro-Húngaro e Império Turco-Otomano).

A partir de 1917, com a entrada efetiva dos Estados Unidos no conflito e o declínio da Áustria, o império alemão se viu completamente comprometido, a indústria alimentícia sofria grande recesso e a ausência de qualquer progresso no *front* alemão exacerbou a tensão entre a população.

Com a devastadora derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi, indubitavelmente, a nação européia que mais sofreu nos anos posteriores. Sem quaisquer recursos, a Alemanha se viu obrigada a uma rendição incondicional e foi subjugada pelos países vitoriosos com o Tratado de Versalhes, assinado em junho de 1919. Dentre as medidas impostas pelo Tratado de Paz assinado em Versalhes pelos representantes dos países da Tríplice Entente estavam: uma profunda redução do território nacional alemão, a perda das colônias (que foram divididas entre os países vitoriosos como “protetorados”) e a imposição de reparação econômica estipulada em um valor equivalente a 30 bilhões de dólares. Não obstante, com a fundação da Liga das Nações – precursora da ONU e responsável pela mediação de conflitos internacionais – a Alemanha, uma das grandes potências européias se viu excluída, o que evidencia o anseio punitivo dos países da *Entente*.

Após a I Guerra Mundial, frente ao amplo descontentamento nacional, foi instaurada a República de Weimar, marcando a dissolução do império e a ascensão do Partido Social-Democrata. Contudo, sem ter uma base ideológica clara, o novo governo democrático foi considerado responsável pela humilhação sofrida com o Tratado de Versalhes; novos partidos mais radicais começaram a se formar, tanto de extrema esquerda quanto de extrema direita.

Em 1919 foi fundado o primeiro núcleo do NSDAP – Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores, dirigido por Adolf Hitler. Sem um projeto bem definido nos primeiros anos, sua orientação estava assentada em um ativismo desenfreado. A maior parte de seus membros era proveniente de extintos grupos militares e, sem a premissa de qualquer princípio democrático, sua primeira intenção era dar expressão política à luta contra a recém-instaurada República de Weimar.

O primeiro programa do partido nazista é redigido em 1920 por Hitler, é interessante observar que desde essa época a entrada no partido era permitida somente aos cidadãos de sangue alemão. Aos judeus era permitida a presença em território alemão na condição de hóspedes. A idéia central ali defendida era de que se fazia premente a superação das condições impostas no tratado de paz assinado pela *Entente* e a criação de uma grande Alemanha era almejada.

A hiperinflação sofrida nos anos pós-guerra culminou num permanente sentimento de insegurança e desconfiança no Estado. Nos anos que se sucederam, o apoio ao governo era minoritário, tendo em vista o aumento cada vez mais significativo dos partidos extremistas. A situação vivida refletia a profunda instabilidade política que teve curso na Alemanha.

Em 1923, com a queda do marco⁴ e o aumento crescente do nacionalismo, Hitler fez uma tentativa de tomada do poder na região da Baviera, concebendo uma marcha a partir de Munique até Berlim. Esse movimento ficou conhecido como o “Putsch” de Munique. O golpe de Estado fracassou e Hitler foi condenado a cinco anos de prisão. Entretanto, o golpe foi uma importante ocasião na qual foi evidenciada a fragilidade da República social-democrata de Weimar. Esse momento crucial marca dois acontecimentos significativos. Primeiro, após ser solto apenas um ano depois da tentativa do golpe, Hitler mudou completamente sua estratégia. Não mais ele defenderia uma derrocada violenta da república, mas passaria os anos seguintes se empenhando em conquistar o poder por uma via legal. Além disso, foi durante o período de cárcere que Hitler escreveu *Mein Kampf*, traduzido para o português como *Minha Luta* (2003). No livro, o futuro *Führer* nacional expõe

⁴ O marco alemão era a moeda oficial da Alemanha à época. Em 1923, ápice da inflação econômica, a proporção era de 534.910 marcos para 1 dólar. (MINERBI, 2009a.)

os conceitos fundamentais de sua ideologia política, incluindo apreciações acerca da questão judaica.

Contudo, a partir de 1924 a produtividade alemã começava a se restabelecer graças ao apoio financeiro americano, cujo governo pretendia que a economia alemã não ficasse totalmente sufocada. Mesmo assim, o setor agrícola continuou em crise, o que provocou grande descontentamento da população rural com o governo em vigor.

Ao mesmo tempo, nos anos de 1925 e 1926 a Alemanha iniciou novos acordos de neutralidade com a Grã-Bretanha, a França e a União Soviética, com o objetivo de demonstrar que a política externa havia reconquistado plena autonomia. Tal período marcou, inclusive, a entrada do país na Liga das Nações. Todavia, as concessões necessárias para a inclusão da Alemanha provocaram grandes críticas por parte de muitos conservadores. A avaliação era de que a Alemanha se curvava às mesmas potências que a subjugaram e que tais atitudes tornavam impossível restituir o papel hegemônico alemão no cenário europeu.

Após a crise econômica de 1929 ficou evidenciada a fragilidade da República de Weimar e o radicalismo passou a determinar a luta política. A grande maioria da população, profundamente abatida com a crescente inflação, o desemprego e a falta de certeza, aspirava à derrocada do governo democrático e à restauração da ordem. O filme *O ovo da serpente* (1977), do diretor sueco Ingrid Bergman, ilustra com perfeição o desespero popular na Alemanha de Weimar, poucos anos antes da ascensão de Hitler. A esse respeito, é interessante considerar a história do país e a tradição política imperialista e autoritária dos governos anteriores. A desagregação da República encontrou eco em largas camadas da população alemã, produzindo assim amplo espaço de contestação. Os partidos operários, a classe rural e os conservadores acabaram localizando um ponto de convergência com a falta de popularidade das medidas democráticas constituindo assim uma força significativa para catapultar o partido nazista ao poder.

No início de 1933, Hitler é convocado pelo Estado e nomeado chanceler do Reich. A ele é atribuída a tarefa de formar um novo governo. Novamente a Alemanha passa a crer no soerguimento de seu império com o anúncio do III Reich pelo novo chanceler. Após o medieval Sacro Império Romano-Germânico e o Império alemão de Otto Von Bismarck derrubado com a I Guerra Mundial, Hitler vem à frente do Partido Nacional-Socialista com a promessa de reerguer o orgulho nacional com a instauração de Berlim como capital do novo império germânico.

Com o incêndio do Reichstag⁵ em fevereiro de 1933, a culpa recai sobre os comunistas e o Governo encontra a brecha para dar início ao enquadramento da sociedade

⁵ Reichstag é o Parlamento Alemão. Durante a República de Weimar o chanceler ocupava o cargo de responsabilidade de gestão dos parlamentares, eleitos democraticamente.

mediante rigorosas medidas disciplinares. Sob o pretexto de um estado de emergência, estavam dispostas as bases sobre as quais Hitler cerceou a liberdade de opinião e aboliu alguns princípios democráticos centrais, como a inviolabilidade domiciliar e a detenção preventiva indiscriminada.

Com a dissolução de todos os demais partidos políticos e a morte do antigo presidente da República de Weimar – Paul Von Hindenburg – em 1934, Hitler unifica os cargos de chanceler e presidente, suprimindo de uma vez todo o poder do legislativo e concedendo ao executivo plena responsabilidade por todas as decisões. Na seqüência, Hitler começa a conquistar as massas com uma série de transformações econômicas, como a redução do índice de desemprego, o investimento no setor agrícola e o aumento das exportações.

Por outra frente, Joseph Goebbels (1897-1945), hábil orador e um dos oficiais mais próximos a Hitler, aparecia como principal responsável pela concepção e organização da propaganda nacional-socialista. Ministro da propaganda e grande arquiteto da propaganda nazista, Goebbels promoveu grandes congressos e comícios do partido, além de se dedicar à sedução da juventude alemã. Além de projetar todo o aparato de sugestão das massas, desenvolvendo de maneira incansável inúmeras formas de reapresentação do regime, o ministro também foi responsável pela criação da Câmara da Cultura, importante marco na consolidação do sistema de controle social do Reich, uma vez que todas as produções culturais começaram a passar obrigatoriamente pelo crivo do Estado.

Sem sombra de dúvida, a propaganda nazista foi um dos principais alicerces para a ascensão do partido e para a instauração da máquina nazista de forma quase incontestável na Alemanha do início do século XX. Como Diehl (1996, p. 81) frisa, “Para o NSDAP, a propaganda é a principal base do partido, sendo responsável tanto pela conversão dos simpatizantes como pela manutenção da ordem artificial criada por ele”. Para além de um instrumento de mera conversão ideológica política, a propaganda nazista operava de forma a erigir uma nova realidade artificial mediante a manipulação de fatos e acontecimentos. Durante os anos do regime nazista a propaganda se estendeu a praticamente todas as esferas do universo público, abrangendo a música, o cinema, a arquitetura, os comícios e eventos. Até mesmo o corpo passou a ser instrumento propagandístico no governo de Hitler.

Como exemplos de produções da época, *Triunfo da Vontade* (1934) e *Olympia* (1938), ambos dirigidos por Leni Riefenstahl, são dignos de nota. No primeiro, é apresentado o congresso realizado na cidade de Nuremberg em 1934, e é explorada a grandiosidade do regime. Considerado como o filme de propaganda política mais expressivo do qual se tem conhecimento, *Triunfo da Vontade* apresenta a marcha dos soldados em bloco, assim como a comunhão e recepção mágica do ditador pela população. *Olympia*, por sua vez, retrata os jogos olímpicos de Berlim em 1936. O filme exalta a força física e a saúde dos atletas alemães, glorificando a pureza racial.

Como produtora de múltiplos sentidos a propaganda nacional-socialista se dividiu em duas diferentes frentes de representação: a propaganda de adesão e a propaganda de manutenção. Em um primeiro momento, com o objetivo de conquistar novos adeptos, a propaganda nazista assumiu um caráter revolucionário, tendo como objetivo a pronúncia de agudas críticas à República de Weimar, instaurada após a derrocada na I Guerra Mundial. Com a tomada do poder, a propaganda se torna reacionária, servindo justamente ao pólo oposto, ou seja, à defesa do governo vigente. Nesse momento, como assinala Diehl (1996, p. 88), a propaganda atua como “instrumento sufocador de críticas ao Estado”.

Entretanto, no exterior a propaganda nazista atingia vários outros países europeus, como Itália e França, por meio de eventos e encontros internacionais. Concomitantemente, a divulgação propagandista pela mídia produzia a criação de legiões de simpatizantes pela Europa afora. Desde a tomada do poder, não tardou muito para que estivessem prontas as bases para o desenrolar dos fenômenos que conduziram ao expansionismo desenfreado alemão e desencadearam a II Guerra Mundial.

À medida que o NSDAP crescia em importância e poderio, Adolf Hitler se afirmava como a referência máxima do partido e sua figura canalizava todas as esperanças da população acerca da nova reforma social que se produzia no país. A mística envolvida na figura de Hitler e sua incrível capacidade de sedução é um fator que merece maior atenção ao se vislumbrar uma compreensão mais profunda dos motivos que levaram toda uma nação a se dobrar ao projeto nazista.

Como a História apresenta, é praticamente impossível dissociar a expansão nazista da expressiva figura de Adolf Hitler. Sua presença foi fundamental, não apenas na consolidação dos princípios ideológicos do partido, mas também devido à significativa influência que provocava em toda a nação. O subcapítulo a seguir apresenta alguns dados da história pessoal do político, assim como considerações acerca de sua personalidade, na tentativa de esclarecer uma parte do processo em que um único homem se transformou no *Führer*, guia condutor de uma nação.

3.2 Hitler – Gênio perverso ou perverso genial?

Adolf Hitler nasceu no ano de 1889 em Brunau am Inn, uma pequena cidade austríaca na fronteira com a Alemanha. Seu pai, Alois Hitler, era um funcionário público e sonhava que seu filho tomasse o mesmo rumo. A relação de Hitler com o pai era bastante conflituosa e oposta à complacência de sua mãe – Klara Hitler – que sempre o defendeu e sustentou, em especial após a morte do pai em 1903, mantendo Hitler com sua pensão de viúva até sua própria morte, em 1907.

Depois da morte de seu pai, Adolf interrompe seus estudos e parte para Viena, onde tenta por repetidas vezes ingressar na Academia de Belas Artes. Após o fracasso, passa a trabalhar como ilustrador de cartões postais e pintor de paredes, sobrevivendo da herança deixada pelo pai e da pensão que lhe era encaminhada pela mãe.

Sua frustrada tentativa de entrada no mundo artístico o priva da condição abastada que almejava e, tendo seus sonhos aparentemente arruinados, Hitler decide se mudar. Ao que parece, esse momento marca o início do interesse de Hitler pela política. A esse respeito, Fest (1991, p. 38) aponta que durante os anos de residência em Viena:

Por um fenômeno de supercompensação comum aos indivíduos que se sentem ameaçados de uma marginalização social, Adolf Hitler assumiu de maneira crescente os preconceitos, os lemas, as angústias e as reivindicações da boa sociedade vienense.

Em 1913, Hitler finalmente se instala na Alemanha, mais precisamente na cidade de Munique. Com o início da I Guerra Mundial o jovem Adolf se alista como voluntário e obtém seus primeiros sucessos. Após a derrota na guerra Hitler volta à Munique, e em 1919 se inscreve no partido dos trabalhadores alemães, germe do que viria a ser mais tarde o NSDAP.

Pouco a pouco Hitler cresce em poder e prestígio no interior do partido e após o golpe fracassado em 1923, torna-se seu líder incontestável. Com *Minha Luta* (2003), Hitler dá início a uma nova etapa na organização do partido, se prestando à teorização e à programação do movimento nazista. Na obra máxima do ideário nacional-socialista aparecem expostos os princípios fundamentais da defesa antisemita, da importância das massas para o levante nacional e o papel que a propaganda deveria ter na conquista dos objetivos.

Brilhante estrategista e orador, Hitler acompanhava de perto cada passo dado pelo partido e praticamente todas as decisões passavam por seu crivo. Sua capacidade oratória, aliada a uma extensa propaganda e a uma série de transformações sociais e trabalhos públicos são alguns dos muitos elementos que corroboram a imensa capacidade de Hitler em seduzir e conquistar multidões.

Hoje, quase meio século depois, a imagem fanática de Hitler gesticulando domina nossa memória coletiva, e isso nos deixa na vulnerável posição de esquecimento de sua genialidade. Hitler ganhou uma nação à sua visão através de sua misteriosa habilidade de intuir os sentimentos de diferentes públicos. Ele corporificava as paixões e indignações da desesperada classe trabalhadora, e jogava para respostas grupais; mas ele também podia ser

reflexivo e reservado quando se endereçava a públicos mais cultos. [tradução do autor]. (COSTELLO, 2006, p. 40).⁶

À medida que o Nacional-Socialismo se consolidou no poder, as fronteiras do mundo totalitário foram estendidas e o inimigo passou a se situar no ambiente externo, não mais precisando ser convencido e sim, combatido. Esta leitura coaduna com a perspectiva maniqueísta instaurada com o nazismo, cindindo de forma eficaz a noção de “bom” e “mau”. Oportunamente, Hitler defendia como “bom” tudo que estivesse identificado com o Estado e com a doutrina defendida pelos nazistas. De outro lado, a noção de “mau” se torna associada ao que é diferente, estranho, e, portanto, ameaçador ao enquadramento da sociedade na rigorosa disciplina construída pelo novo Estado nazista.

Para obter êxito em tal realização, Hitler defendia que o ódio das massas não poderia ser disperso e para tal, era necessário apontar o mínimo de inimigos a serem combatidos, evitando que as massas se confundissem. No reducionismo proposto na visão de mundo instaurada com o Nacional-Socialismo era privilegiada a comoção sentimental das massas em detrimento de sua capacidade de análise. Como o próprio Hitler (2003, p. 250) defende:

A força motriz das grandes evoluções, em todos os tempos, não foi o conhecimento científico das grandes massas, mas sim um fanatismo entusiasmado e, às vezes, uma onda histérica que as impulsionava. Quem quiser conquistar as massas, deve conhecer as chaves que abrem as portas de seu coração. Esta chave não se chama objetividade, isto é, debilidade, mas sim vontade e força.

Evidentemente, a influência exercida por Hitler não se resumia a seus subalternos, mas afetava o julgamento de toda uma nação. Um dado interessante é que o alcance de sua influência nos primeiros anos em que estava à frente do NSDAP se estendia mesmo àqueles que se encontravam fora da euforia coletiva. Eram freqüentes pronunciamentos de líderes de outros países elogiando as ações de Hitler no campo da segurança social, saúde e os benefícios concedidos à terceira idade.

Em seu caminho rumo ao topo, é fascinante observar o mito criado em torno de suas origens, considerado por muitos como “um dos mais formidáveis instrumentos de consenso no Terceiro Reich [...]”. (MINERBI, 2009a, p. 46). O *Führer* era tido como o principal modelo a ser seguido pela nação e todos seus hábitos eram expressão da moral prussiana desejada pelo Partido. Hitler sempre se apresentou como uma figura comedida, de costumes puritanos. Não bebia, não fumava, não ostentava luxo pessoal, era vegetariano e todas suas

⁶ Now over half a century later, the gesticulating, fanatical image of Hitler dominates our collective memory, and this leaves us in the vulnerable position of forgetting his genius. Hitler won a nation to his vision by means of his uncanny ability to intuit the sentiments of diverse audiences. He embodied the passions and indignation of the despairing working class, and played up to group responses; but he could also be reflective and restrained when addressing educated audiences. (texto original).

relações amorosas eram ocultadas. Como Lenharo (1998) assinala, o próprio Hitler teria uma vez se manifestado publicamente afirmando que não se casaria, com o objetivo de se dedicar exclusivamente à “mãe” Alemanha.

Adolf Hitler sempre evitou expor suas origens aos alemães, o que contribuía para o misticismo que envolvia sua figura e dava vazão ao que Fest (1991) qualifica como o aspecto teatral de sua existência. Tal atitude promovia uma espécie de admiração e curiosidade por parte da população, culminando na construção da imagem de Hitler como um enviado divino, responsável por conduzir a Alemanha em tempos de dificuldade.

O caráter messiânico envolvendo o governante alemão era ainda mais intensificado em suas aparições públicas. Hitler geralmente chegava de avião aos eventos e comícios populares, sobrevoando lentamente o lugar para aparecer aos “fiéis” como um Deus que chegava à terra. Quando isso não era possível, canhões de luz cegavam a multidão para a entrada do *Führer*, que sempre ocupava o espaço de destaque em um palanque, mais alto que todos, realçando seu caráter especial, quase inatingível.

Em 1926, foi introduzida a saudação *Heil Hitler*⁷ ou *Salve Hitler*, que viria a ser um elemento central para o partido e futuramente, para toda a nação alemã. Inicialmente, este ato se restringia aos membros do partido, sendo disseminado a toda a população com a tomada do poder. Análogo ao “Ave César” dedicado ao imperador romano, a saudação hitlerista representava um sinal de lealdade, bem como cultuava a personalidade de Hitler. O gesto, obrigatório a todos os alemães, tinha como intenção cultivar o sentimento patriótico, explicitando a diferença e a separação dos que não pertenciam à esfera de proteção nazista.

Ao mesmo tempo, Hitler, considerado o grande arquiteto da reunião e comunhão de toda a pátria alemã, alimentava na política seu frustrado anseio artístico. As experiências relatadas anteriormente, quando o jovem Hitler tenta sem sucesso a carreira artística, são vitais para compreender o sonho estético que Hitler visa concretizar na construção da nova Alemanha. Sobre este aspecto, Lenharo (1998) avalia que, para Hitler, a arquitetura servia ao propósito de expressão da grandeza do regime, despertando a consciência nacional e promovendo o orgulho pela pátria. Dessa forma, a arquitetura se instaurava não só como representante dos feitos nazistas, mas tinha ao mesmo tempo o poder de criá-los a partir da indução.

Ao se deter na análise da personalidade de Adolf Hitler, o psiquiatra e analista junguiano Carlos Byington (2003) assinala que o sentimento patriótico vivido pelo governante alemão foi incorporado a uma ambição pela guerra. Em outras palavras, a guerra era vivida por Hitler como a expressão suprema da defesa dos ideais nacionais. Como Lenharo (1998) constata, a guerra correspondia a uma conseqüência natural e

⁷ Além de “salve”, a palavra alemã *Heil* também significa “vida longa”.

inevitável da matriz ideológica nazista, cumprindo na dimensão internacional o que havia sido conquistado no interior da Alemanha. O próprio Hitler (2003, p.134) explicita ao avaliar a I Guerra Mundial:

A finalidade pela qual se lutava durante a guerra [I Guerra Mundial] era a mais elevada e formidável que se pode imaginar. Tratava-se da liberdade e da independência de nosso povo, da garantia da vida, do futuro e, em uma palavra, da honra da nação.

No que diz respeito a este anseio pela guerra, Byington (2003) considera Hitler um “assassino suicida”, cujo distúrbio central era a má elaboração da agressividade. À medida que a agressividade de Hitler é projetada para fora, na busca de um bode expiatório, se explicita sua parca elaboração simbólica e tem lugar a emergência de funções estruturantes defensivas. Como o próprio Byington (2003) aponta: “Os símbolos fixados e as funções estruturantes defensivas formam o inconsciente reprimido da Psicanálise e a Sombra da Psicologia Analítica.”

A sombra, um dos conceitos basilares da Psicologia Analítica, é entendida por Carl Gustav Jung (1981, p.58) como “a parte ‘negativa’ da personalidade, isto é, a soma das propriedades ocultas e desfavoráveis, das funções mal desenvolvidas e dos conteúdos do inconsciente pessoal.”

No caso particular de Hitler, a agressividade não elaborada e fixada na sombra culminou na formação de uma estrutura defensiva, expressa mediante sua incessante projeção do Mal no meio externo. Como já é de conhecimento geral, judeus e comunistas – assim como todas as minorias étnicas e sociais – serviram como depositários desta turva projeção dos aspectos negativos que Hitler não reconhecia em si mesmo, fenômeno que teve ressonância e acometeu grande parte da população alemã.

Não obstante, como observa Byington (2003), a personalidade de Hitler ao longo dos anos em que esteve no poder, teria evoluído de um modo de funcionamento psicopático para uma estrutura psicótica, dirigindo a agressividade tanto ao Outro quanto ao Ego. Sua manifestação passou a ser indiscriminada, tanto ao “inimigo” como a si mesmo e à própria nação alemã. No filme *A Queda* (2004), é possível observar o frágil estado psicológico em que Hitler se encontra nos momentos finais de sua vida. Ao cometer erros estratégicos absurdos e coibir seus soldados a permanecer nos *fronts* de batalha, quando já não havia nenhuma possibilidade de vitória, Hitler dava indícios de uma profunda negação da realidade e condenava seus próprios subordinados à destruição. Ao final da guerra, antes de cometer suicídio, Hitler ordena que todas as instalações, armazéns e depósitos fossem destruídos para evitar que fossem aproveitados pelos inimigos. Tal atitude, expressão máxima do descontrole emocional vivido pelo *Führer* ao final da guerra, revela até que ponto o conteúdo sombrio, quando mal elaborado, é capaz de dominar completamente a

consciência humana, caracterizando a estrutura de funcionamento psicótica acima mencionada.

Como se pode perceber, perder a guerra era uma frustração insuportável a Hitler, frente à qual apenas a auto-aniquilação se apresentava como solução. Em suas próprias palavras:

Se o povo alemão vier a ser derrotado nesta luta, deve ter ficado demasiado fraco; terá deixado de provar o seu valor perante a história e estará apenas destinado a ser destruído (SPEER [a] In SHIRER, 1960, apud BYINGTON, 2003).

Por fim, chama a atenção o fato de que Adolf Hitler, um dos líderes mais consensuais, influentes e destrutivos da História da humanidade tenha na atualidade a imagem de um desequilibrado, maníaco, marcado por sua postura histérica e frenética frente às massas para as quais discursava. Ou até mesmo que ele seja analisado como um sujeito de tendências psicopáticas e psicóticas, assim como Byington (2003) pondera. O que surpreende é justamente a inimaginável perspectiva de que, nos dias de hoje, um sujeito com tais características pudesse vir a se tornar uma figura política de tão soberba importância. Entretanto, ao se olhar mais atentamente para as condições sociais, econômicas, políticas e psicológicas da comunidade alemã no início do séc. XX articuladas com os elementos envolvidos na história pessoal do *Führer* alemão, quase se fica com a impressão de que sua ascensão ao poder tenha sido um processo “natural” nesse contexto específico. Para Byington (2003),

O fator decisivo que tornou Hitler o líder mais carismático e destrutivo da História me parece ter sido a sincronicidade de o seu chamado para a vocação política ter ocorrido na Alemanha, no ano de 1919.

Para que seja possível compreender de forma adequada a que o autor se refere, é apropriado expor o que a Psicologia Analítica entende pelo termo sincronicidade. De acordo com Jung (2007, par.849) a sincronicidade pode ser definida como: “a aparição simultânea de dois acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal”. O autor relaciona o fenômeno da sincronicidade com a ocorrência de coincidências significativas, que apesar da falta de qualquer evidência de uma relação de causa e efeito são dotadas de sentido por aquele que as percebe. Mais adiante, Jung (2007, par.850) apresenta o termo da seguinte maneira:

A sincronicidade, portanto, significa, em um primeiro lugar, a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que aparecem como paralelos significativos de um estado subjetivo momentâneo.

Ao se considerar a intuição visionária de Hitler e seu devoto patriotismo à Alemanha (apesar de seu país de origem ser a Áustria), combinados com o exato momento em que ele renuncia à vida artística e decide enveredar pela política, o produto é um estado subjetivo que representa um sincronístico encontro às necessidades do povo alemão naquele momento específico. Hitler canalizava e representava de forma única todos os anseios e angústias dos alemães à época. Seu sonho era construir uma Alemanha novamente grandiosa, envolta em glórias e conquistas, forte política e economicamente, uma Alemanha guerreira e militarista que conseguisse resgatar o prestígio perdido com as imposições sucedâneas à I Guerra Mundial.

A pergunta que dá título ao início deste capítulo permanece, irresolutamente, não respondida. A genialidade de Hitler como orador e estrategista até os anos finais do regime é incontestável, bem como sua capacidade de se comunicar com as massas em uma dimensão que atendia às suas mais desconhecidas e inconscientes expectativas. De outro lado, para conseguir atingir seu propósito, Hitler se utilizou amplamente de meios que denotam perversa crueldade, característica de sua oscilação psicopática/psicótica. Com o intuito de levar a cabo seu irreal e desmedido projeto, milhares de vidas foram sacrificadas, incluindo a sua própria.

Tomando como ponto de partida a tese de que o estado subjetivo de Hitler foi um elemento fundamental para a manifestação da possibilidade nazista no início do século XX, chega-se à hipótese de que as massas alemãs, por sua vez, também apresentavam uma disposição psicológica favorável à escalada do ideal nacional-socialista. Como discutido no primeiro capítulo, a fragilidade decorrente da crise política, econômica e social que assolava a Alemanha no início do século foi indubitavelmente um fator de grande relevância para a constituição do cenário sob o qual se assentou a possessão em massa presenciada na Alemanha de Hitler.

Contudo, considerar a aceitação popular única e exclusivamente mediante a ótica dos benefícios conquistados na esfera social responde apenas parcialmente pela anuência aos ideais defendidos pelo *Führer* alemão. Em outras palavras, analisar apenas a dimensão sócio-econômica é insuficiente ao se tentar compreender um fenômeno deveras complexo na história da humanidade, tendo em vista a intensa mobilização popular alcançada pelo nazismo. Ainda, transferir para um único sujeito a responsabilidade integral pelas atrocidades cometidas durante o nazismo pode ser um perigoso equívoco que nos distancia dos motivos reais de sua existência e impede prevenirmo-nos quanto às futuras conseqüências que podem originar-se de semelhante ideologia.

Até o momento, o foco de análise se deteve essencialmente nos fatores históricos que propiciaram a escalada de Hitler e seu partido ao poder. Mediante a leitura historiográfica é

possível tecer considerações acerca do contexto em que o projeto nacional-socialista se desenvolveu, bem como identificar as bases de formação do Estado totalitário alemão. Contudo, o irrefutável caráter popular do nazismo traz à tona a pungente necessidade de uma investigação mais profunda acerca da disposição psicológica do povo alemão.

Nos capítulos seguintes, o objetivo é investigar de que forma a Psicologia Analítica contribui para a compreensão dos processos envolvidos na adesão expressiva das massas ao movimento político que culminou no maior genocídio do início do século XX. Para facilitar a compreensão do leitor que não se encontra familiarizado com a teoria, o próximo capítulo é dedicado a uma breve exposição dos conceitos centrais da Psicologia Analítica.

Parte II

TODOS



4 Pressupostos teóricos da Psicologia Analítica

Muito foi dito acerca dos fatores políticos, sociais e econômicos que criaram e sustentaram o reinado ensandecido de Hitler. Se um momento como esse na história moderna atesta à suscetibilidade humana para a possessão em massa por poderosas forças arquetípicas destrutivas, casos individuais de dissensão nos lembram que a consciência é um atributo individual, ao invés de coletivo. Ainda assim, nós temos mais a aprender, não daqueles poucos indivíduos heróicos que se levantaram frente à corrente de histeria em massa durante o Nacional-Socialismo, mas sim daqueles que foram tomados pela força coletiva do movimento. [tradução do autor]. (COSTELLO, 2006, p.34).⁸

A análise dos fenômenos políticos na Alemanha no início do século XX sob o prisma histórico possibilita o reconhecimento de apenas uma parcela dos motivos que conduziram as massas ao “sistema de delírio” nazista. A rigor, a avaliação de fatos e eventos ocorridos e documentados explicita a esfera de domínio da consciência. As rigorosas sanções do Estado totalitário alemão, a propaganda nacional-socialista, e as opressivas condições sociais, históricas e econômicas da Alemanha pré-guerra respondem pelos fatores que predominavam na consciência nacional, contudo, não exploram a importância que a disposição afetiva inconsciente exerceu sobre as decisões dos grupos.

Ao se discutir a idéia de inconsciente sob o referencial da Psicologia Analítica, se torna fundamental atentar para a relação de *opostos contraditórios e complementares* concebida pelo autor. A idéia de polaridades em oposição que se compensam permeia todo o pensamento junguiano e é central na compreensão da relação entre a consciência e o inconsciente. Como Jung (1993, par.25) aponta,

[...] não considero a influência do inconsciente sobre a consciência simplesmente como oposição, mas como *compensação*, complementação, na medida em que é capaz de acrescentar à consciência tudo aquilo que impede o ressecamento e entorpecimento numa direção unilateral.

Em correspondência à lei extraída da física de conservação de energia, Jung (1993) postula que os processos psíquicos seguem o mesmo princípio, de forma que aspectos desvalorizados na esfera da consciência acabam encontrando compensação mediante a influência de sua polaridade oposta, inconsciente.

⁸ Much has been said of the political, social, and economic factors which created and sustained Hitler's reign of madness. If such a moment in modern history attests to our human susceptibility to possession en masse by powerful archetypal forces of destruction, individual cases of dissent reminds us that conscience is a personal rather than collective attribute. Still, we have the most to learn, not from those few heroic individuals who stood against the tide mass hysteria under National Socialism, but from those who were swept up by the collective force of the movement. (texto original).

De acordo com Jung (1981), o inconsciente pessoal corresponde à sombra e seu conteúdo é formado por lembranças e percepções que não ultrapassam o limiar da consciência. A polaridade oposta consciente da sombra é a persona. Como Jung (2009) discute, a persona seria a face externa da psique. Nesse sentido, sua finalidade psíquica é a adaptação ao mundo e a mediação na relação com os objetos externos. Em outras palavras, a persona se refere a um comprometimento entre indivíduo e sociedade e está intimamente associada à noção de adaptação.

Por sua vez, o complexo é uma reunião de idéias e imagens que possuem a mesma tonalidade afetiva em torno de um núcleo comum. Como Jung (2002, par. 18) apresenta, os complexos correspondem a “certos agrupamentos de elementos psíquicos em torno de conteúdos afetivamente acentuados”. A esse respeito, é importante ter em vista que o afeto é uma característica central dos complexos. Da mesma forma, os complexos atuam de forma relativamente autônoma, influenciando o comportamento, mesmo que não se tenha consciência de sua existência.

Outro termo merecedor de esclarecimentos é “constelação”, citado freqüentemente na literatura junguiana, e que, como Stein (2006, p.47) apresenta, “refere-se usualmente à criação de um momento psicologicamente carregado, um momento em que a consciência já está, ou está prestes a ficar perturbada por um complexo”. Em momentos nos quais a consciência está prejudicada verifica-se a constelação de um complexo.

O conceito de complexo, como apresentado, diz respeito à esfera pessoal da experiência humana e está relacionado ao inconsciente pessoal, individual. Entretanto, como assinala a psicóloga junguiana Marie-Louise Von Franz (1964, p. 168), “a sombra não é o todo da personalidade inconsciente [...]”. Por sua vez, se o complexo condensa experiências vividas e que se encontram inconscientes ao sujeito, em sua raiz reside uma expressão universal e que é, portanto, coletiva. Assim, a constelação de um ou mais complexos se encontra intimamente relacionada à explosão de forças arcaicas, de ordem inconsciente e que transcendem a esfera de domínio pessoal. Ao abordar a noção de complexo e de arquétipo, Jung (1981, par.102) afirma que:

Pode-se perceber a energia específica dos arquétipos quando se tem a ocasião de observar o fascínio que exercem. Parecem quase dotados de um feitiço especial. Qualidade idêntica caracteriza os complexos pessoais; e assim como os complexos pessoais têm a sua história individual, também os complexos sociais de caráter arquetípico têm a sua. Mas enquanto os complexos individuais não produzem mais do que singularidades pessoais, os arquétipos criam mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam nações e épocas inteiras. Consideramos os complexos pessoais compensações de atitudes unilaterais ou censuráveis de nossa consciência.

Assim como a sombra e os complexos estão relacionados ao inconsciente pessoal, os arquétipos se relacionam ao inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo, na compreensão da Psicologia Analítica, corresponde ao estrato mais profundo da psique humana, engendrando todas as manifestações que não têm associação com a história e a memória pessoal. Às representações coletivas de caráter inconsciente, Jung atribuiu o nome de arquétipos. Os arquétipos são descritos como “imagens primordiais” que representam uma combinação de forças e padrões comuns a todos os seres humanos. Segundo Jung (1981), os arquétipos correspondem às imagens e motivos humanos universais e originários. Entretanto, para além de uma simples repetição predeterminada de imagens preconcebidas e já definidas, Jung (1964, p.67) concebe que:

O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo - representações que podem ter inúmeras variações de detalhes - sem perder sua configuração original.

Os conceitos de arquétipo e de inconsciente coletivo correspondem a algumas das idéias mais polêmicas e complexas desenvolvidas por Jung. Para os fins do presente trabalho, é suficiente ressaltar que os arquétipos são representações humanas que transcendem a dimensão pessoal e pertencem ao domínio do inconsciente, expressos fundamentalmente por intermédio dos símbolos. A esse respeito, em outro momento Jung (1981 par.184) apresenta a seguinte definição:

Um arquétipo é um quadro dinâmico, uma parte da psique objetiva, que só conseguimos entender corretamente quando vivenciada como uma coisa autônoma colocada fora de nós e à nossa frente.

Enquanto manifestações psíquicas de caráter dinâmico, os arquétipos não são apreendidos pela consciência diretamente, mas sim através de suas manifestações simbólicas. Os símbolos, expressos nos sonhos, são os “responsáveis” por tornar conscientes as manifestações arquetípicas. Na obra *O homem e seus símbolos* (1964), o autor apresenta sua concepção de que os símbolos corresponderiam a termos, nomes ou imagens que, apesar de ocasionalmente terem uso cotidiano, possuem, para além de sua conotação convencional, uma parcela de significado que nos é oculta ou desconhecida. Como o próprio Jung (1964, p. 20) afirma:

[...] uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além de seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado.

A partir dessas considerações iniciais, ao se amplificar os interesses conscientes que impulsionaram a escalada do nacional-socialismo, é possível vislumbrar algumas das características e motivações engendradas na camada inconsciente da nação germânica. Outros conceitos, que são igualmente utilizados na análise proposta são descritos ao longo dos capítulos, à medida que estes ganham relevância.

Ao ponderar sobre a tensão e o caos instaurado na Alemanha de Weimar, Jung (1988) realça os efeitos que a industrialização teve na organização social de seu tempo, destacando a massificação, a dependência do Estado, a insegurança geral e a instabilidade como características do homem europeu no início do século XX. Ainda segundo o autor, a perda do sentimento de singularidade que acompanha o processo de massificação produz uma mobilização inconsciente que ao não ser absorvida pela consciência resulta na formação de complexos.

Nesse sentido, Jung (1988) considera que a histórica tendência ao individualismo tenha produzido, na contrapartida, uma irrupção do homem coletivo em sua forma mais primitiva. Em outras palavras, como um aspecto do mecanismo compensatório da psique, a excessiva valorização de um tipo de personalidade que primava pelo individual provocou uma elaboração rudimentar dos aspectos coletivos que, ao permanecerem inconscientes, provocaram efeitos devastadores ao irromper à superfície.

5 A emergência arquetípica

Ao se debruçar sobre a árdua tarefa de responder aos motivos que ocasionaram o desenrolar caótico na Alemanha, Jung (1988) retoma o arquétipo de Wotan, um antigo deus da mitologia germânica que por muito tempo permaneceu esquecido e que se relaciona profundamente com a manifestação nazista no país. De acordo com Jung, a tendência a explicarmos o mundo de forma racional fez com que a sociedade de seu tempo concentrasse toda a discussão acerca da Alemanha Nacional-Socialista em torno dos fatores econômicos, políticos e psicológicos. Contudo, como o próprio autor assinala:

[...] Wotan nos diz ainda mais, sobretudo, no que diz respeito ao fenômeno de ordem geral, diante do qual o não alemão, por mais profunda que seja a reflexão sobre seus fundamentos, vê-se desconcertado e incapacitado para compreender. Talvez se possa designar esse fenômeno geral de “possessão”. Esta expressão supõe, em primeiro lugar, um “possuidor” e um “possuído”. Desde que não se queira deificar Hitler, o que aliás já ocorreu, resta-nos apenas Wotan, o possuidor dos homens. (JUNG, 1988, par.385-386).

Segundo o autor, a irrupção de forças coletivas assustadoras que se assemelham a um estado de “possessão fanática” seria o resultado de uma ênfase excessiva na individualidade e na racionalidade no plano da consciência. Nesse sentido, o individualismo exacerbado vivenciado na Alemanha destruída do início do III Reich teria sido responsável por promover a constelação coletiva de arquétipos, como resultante de um processo de compensação – mecanismo pelo qual o ser humano visa atingir um equilíbrio em sua dimensão psíquica.

Jung começa a observar a partir do relato de sonhos de seus pacientes alemães no período anterior à guerra a emergência de elementos que exprimiam grande agressividade, primitividade e crueldade. Como o autor avalia, as forças arcaicas, regidas pelo arquétipo de Wotan, anunciavam um distúrbio no equilíbrio entre as polaridades consciente / inconsciente e promoveram a insurreição de forças adormecidas no inconsciente. Após a ascensão de Hitler ao poder, Jung (1988, par. 389) observa em charges de jornais da época a representação de um “homem-fera libertando-se de suas correntes”.

Mas afinal quem é Wotan, esse antigo deus germânico e tão poderoso arquétipo que para Jung foi responsável pela comoção de toda uma população? Jung (1988, par. 373-374) o apresenta como o “deus da tormenta e da embriaguez [...] o incansável errante, o agitador, que ora aqui ora ali provoca a disputa ou exerce efeitos mágicos”. Apesar da reconhecida semelhança com a divindade grega Dioniso, o autor considera que Wotan possui contornos próprios e o identifica como um fator psíquico inerente ao povo e à cultura alemã.

Nesse sentido, o arquétipo de Wotan se refere a um *daimon*⁹ elementar que irrompe com a finalidade de compensar a ordem apolínea, excessivamente racional da sociedade alemã à época. A supervalorização da racionalidade intelectual no início do século XX provocou uma inconsciência dos aspectos emocionais e afetivos na psique coletiva. Wotan aparece como a potência inconsciente cuja função psíquica é atingir o equilíbrio, mediante a constelação do aspecto irracional no coletivo.

A respeito de Wotan, Jung (1988) afirma que sua imagem envolve tanto características impulsivo-emocionais quanto intuitivo-inspiradoras. Se de um lado esse poderoso arquétipo traz à tona o delírio e a violência, ele também incorpora a característica de orientador dos destinos e desvelador de sinais ocultos. Enquanto força inconsciente, Wotan, assim como todo arquétipo, incorpora tanto aspectos positivos como negativos. O arquétipo, na concepção do autor, possui tanto características destrutivas quanto criativas, a depender da forma como seu conteúdo é assimilado na consciência.

No caso da Alemanha, a explosão coletiva das camadas mais profundas do inconsciente culminou na realização de fantasias e de toda a inexprimível violência de desejos impossíveis. A irrupção arquetípica de Wotan descrita por Jung pode ser compreendida como uma emergência de elementos inconscientes por meio dos símbolos coletivos e mitológicos, expressos nos sonhos. Esses elementos, ao não serem integrados à consciência, insurgem com grande brutalidade. Nesse sentido, a possessão hipnótica produzida por Hitler e pelo espectro do nazismo pode ser mais bem compreendida a partir da noção de compensação descrita por Jung, fundamental à regulação da psique. A incapacidade de elaboração dos arquétipos da ordem na consciência promove, segundo o autor, a massificação e a disposição ao rompimento dos limites morais.

Outro relato interessante e que corrobora a hipótese da possessão representada arquetipicamente por Wotan é o de Henry Metelmann, que serviu ao exército alemão e era um declarado entusiasta do nazismo à época. Em entrevista concedida a Jonathan Hacker (2008), o antigo soldado presta o seguinte depoimento:

No início, eu era apenas um robô obedecendo a ordens. Mas me transformei em um soldado diferente. Coberto até o pescoço de terra, neve e sangue, lutava como um demônio. Estava tomado por uma fúria imensa.

A fúria descrita por Mettelman é um valioso registro que permite a identificação do aspecto irascível mediante o relato de um sujeito que viveu de perto o ocorrido na Alemanha. Ao contar que “lutava como um demônio”, o ex-soldado explicita a dimensão da

⁹ Daimon é a palavra grega para divindade, espírito. Como Diamond (2000) aponta, Platão a utilizava como sinônimo de *theos* – literalmente traduzida para o português como deus.

possessão fanática característica do regime nazista e reafirma a importância da consideração arquetípica de Wotan.

Da mesma forma, essa possessão arquetípica ajuda a explicar a disposição histórica das massas ao eleger como líder uma figura igualmente histórica, como Hitler. Se Wotan foi um dos elementos que predispueram as massas à histeria na dimensão inconsciente, na esfera da consciência Hitler se apresentava como o representante capaz de sintetizar os elementos irracionais sob os quais a massa se projetava.

A atuação arquetípica inconsciente está profundamente associada à formação e origem das massas. A força propulsora para a organização de uma massa desordenada, como sucedeu na Alemanha, tem sua raiz na constelação dos sentimentos inconscientes e não integrados à consciência que Wotan sintetiza. Seguindo esse raciocínio, a irrupção do homem coletivo está associada a uma valorização dos aspectos nacionais e coletivos em detrimento da manutenção da ética e moral individuais predominantes na consciência.

De outro lado, se Wotan é apresentado por Jung (1988) como um dos motivos capilares para a eclosão do nazismo na Alemanha, a compreensão de seu significado não está restrita ao referencial de causalidade. Reduzir a compreensão do fenômeno às suas causas, como aponta o autor, corresponde a uma simplificação da realidade. Em suas próprias palavras:

É possível explicar essas derivações pela causalidade, mas a explicação causal não satisfaz, pois compreendemos os arquétipos mais facilmente a partir de suas finalidades do que propriamente de suas causas. (JUNG, 1946, par.447).

À medida que Wotan anuncia o estado caótico da sociedade alemã no início do século XX, sua expressão está intimamente associada às condições propiciadas pelo Nacional-Socialismo no início de sua escalada. Nesses termos, a “reaparição” do motivo mitológico representado por Wotan aponta para a finalidade que este desempenha na psique coletiva da nação alemã. Se a emergência arquetípica oferece de um lado um retrato psicológico da disposição histórica das massas, sua constelação deve ser analisada em mais detalhes, para que seja possível identificar de que forma sua influência foi vivida na dimensão particular dos alemães durante o III Reich.

Com o objetivo de oferecer um retrato mais nítido da intensidade e potência dos complexos ativados no nacional-socialismo, será discutido mais detalhadamente o caso de Albert Speer, ministro dos armamentos no III Reich. A análise desenvolvida pela psicóloga americana de orientação junguiana, Melanie Starr Costello (2006), contribui imensamente na compreensão dos fatores motivacionais envolvidos na defesa do ideal nazista, bem como ilustra a importância dos complexos para a adesão das massas ao movimento.

6 Albert Speer – o fator complexo

De acordo com Costello (2006), Albert Speer nunca teve um expressivo interesse em política na juventude. Formado em arquitetura, se manteve distante de todos os atos e movimentos políticos que aconteciam no mundo universitário, e somente teve contato com Hitler em 1933, quando foi indicado para pequenos trabalhos arquitetônicos em Berlim. Hitler tinha grande respeito e simpatia por Speer e em pouco tempo o incluiu em seu círculo íntimo.

Na contrapartida, apesar da afeição mútua, Speer relutou em ser um membro formal do Partido Nacional-Socialista. Em 1937 foi apontado por Hitler como inspetor geral para a reconstrução de Berlim e somente aceitou o cargo mediante a condição de continuar trabalhando como arquiteto particular, ou seja, como um construtor independente. Durante esse período, Speer recrutava trabalhadores com base em suas competências e não por outros critérios, o que é atestado pelo fato de vários de seus funcionários serem de origem judaica. Tal situação aponta novamente para um desapego de Speer com relação aos ideais defendidos pelo regime.

Foi somente em 1942 que Speer serviu oficialmente ao III Reich, assumindo o cargo de Ministro dos Armamentos e Munições. Entretanto, ao invés de essa indicação apontar para uma maior consonância por parte de Speer com a política governamental, Costello (2006, p.37) registra que o fator preponderante para a mudança de cargo foi “a ligação emocional com Hitler”. [tradução do autor].¹⁰

Ao longo dos anos de contato próximo com Hitler, era de se esperar que Albert Speer tivesse tomado conhecimento da “Solução Final”¹¹ desenhada e amadurecida por Hitler ao longo de seu tempo de liderança. Entretanto, curiosamente, como Speer relata em suas extensas entrevistas, ele apenas se deu conta racionalmente de tudo que se passava no período nazista muito tempo depois, à distância dos acontecimentos.

Speer não foi o único a ser enredado pela nebulosa teia emocional nazista. Como é possível constatar a partir do relato de várias pessoas que viveram na época, muitos alegam não ter nenhum conhecimento do que se passava. Mesmo pessoas da região rural, cujas residências eram vizinhas aos campos de concentração, afirmavam não ter conhecimento do que ocorria.

Uma das possíveis hipóteses é a de que essa defesa de falta de conhecimento tenha sido produzida por um intenso medo da culpa produzida ao se assumir responsabilidade

¹⁰ The most compelling factor behind Speer’s appointment, however, was his emotional bond with Hitler. (texto original).

¹¹ A Solução Final da Questão Judaica corresponde ao plano de genocídio dos judeus durante a II Guerra Mundial. O projeto envolvia o transporte dos judeus aos campos de extermínio nazistas e o assassinato em massa, caracterizando um dos aspectos mais hediondos do Holocausto.

passiva pelos abomináveis assassinatos cometidos durante o período. Todavia, tal hipótese parece não responder integralmente ao porquê de tantos alemães se mostrarem, de fato, totalmente surpresos quando inteirados do que se passava nos campos de concentração.

Outra possível forma de se abordar o fenômeno é considerar a política de compartimentalização levada a cabo ao longo do regime nazista. Todas as informações eram sigilosas e aos oficiais ou subalternos somente eram informados fragmentos das ações desenvolvidas, de forma que ninguém tinha uma noção da totalidade, com a exceção de alguns poucos oficiais da maior confiança do *Führer*.

A possessão vivida pela grande maioria dos alemães em torno da potente figura de Hitler era tamanha que, na contrapartida, teve lugar um profundo estreitamento do campo perceptivo consciente. Nessa perspectiva, para que fosse possível acreditar em Hitler e em suas promessas, era necessário “esquecer”, ou melhor, ocultar de si mesmo tudo aquilo que se passava ao redor. Por sua vez, a incapacidade de elaboração consciente por cada um dos indivíduos culminou em um estado de subserviência quase integral pela maior parte dos alemães.

Naturalmente, Hitler desempenhou um papel importante como depositário primário da projeção de conteúdos inconscientes por parte da massa e, ao mesmo tempo, contribuiu para a manutenção de um estado de turva consciência por meio da representação de grandiosidade que seu império evocava. Como o próprio Jung afirma em uma entrevista concedida a Eugen Kolb e citada por Costello (2006, p.37): “Hitler era capaz de influenciar todos aqueles que compensavam seu complexo de inferioridade através de aspirações sociais e sonhos secretos de poder [tradução do autor]”.¹²

Se o nazismo contagiava as massas com o apelo à superioridade nacional e à grandiosidade da raça ariana, é de se supor que nas profundezas da psique alemã residisse uma má elaboração acerca de sua própria fragilidade. Os desejos de onipotência, submersos no subterrâneo psíquico alemão após a derrota na I Guerra Mundial, emergem como uma tentativa compensatória. Dessa forma, as aspirações e desejos de potência inauditos ganham espaço para expressão durante o nazismo, e revelam o complexo de inferioridade que emergia do inconsciente da população alemã.

A impossibilidade de integração dessas forças de ordem que emanam da sombra culmina no que Jung (1988, par.426) denomina como “estado crepuscular histérico”. Esse estado histérico é caracterizado por uma disposição da massa a uma maior polarização dos opostos e, conseqüentemente, o que se verifica é uma maior autonomia dos conteúdos sombrios inconscientes. No caso dos alemães, o autor analisa que, em contraposição ao alto nível educacional e ao elevado espírito expressos na consciência nacional, residem no

¹² Hitler, Jung responded, “was able to work on all those who compensated their inferiority complex with social aspirations and secret dreams of power. [...]”. (texto original)

subterrâneo inconsciente popular uma profunda baixa e fragilidade. A completa cegueira que acometeu a massa alemã durante os anos nazistas fez com que não fosse possível uma apreensão consciente da fragilidade e inferioridade nacionais. Nessa perspectiva, o sentimento de inferioridade, tal sua inconsciência, aparece transfigurado, por intermédio da imposição e do terror, refletindo o mecanismo compensatório da psique.

Assim como Albert Speer, muitos outros foram igualmente seduzidos por Hitler, em decorrência de uma redução da possibilidade de percepção consciente. Tal restrição à avaliação consciente de determinada situação vem usualmente associada à constelação de um complexo, como indicado por Stein (2006). A constelação do complexo de inferioridade alemão, dada a nebulosidade da consciência alemã ao longo do regime nazista, produziu conseqüências de efeito aterrador. Como o próprio Stein (2006, p.55) afirma em outro trecho: “Quanto mais fortes os complexos, mais restringem a faixa de liberdade de escolha do ego”.

Se a psique coletiva segue os mesmos princípios que a psique individual, como apresenta Jung (1988), o exemplo de Speer serve para ilustrar a dimensão coletiva da constelação de um complexo, não se restringindo assim à análise de um caso individual. Como exposto acima, a constelação de um complexo se encontra intimamente relacionada à mobilização de um ou mais arquétipos, sendo estes considerados aqui como o que exprime a realização individual de uma tendência universal, comum a todos os indivíduos. Nesse contexto, a experiência de Albert Speer e seu vínculo com Hitler servem de introdução a outro aspecto, que pode igualmente ser amplificado para as massas – a identificação de Hitler como Pai nacional.

7 Representações do paterno na Alemanha nazista

Hitler exerceu profunda influência e sua liderança foi vital para a consolidação do partido Nacional-Socialista. Ao passo que na primeira parte do presente trabalho a discussão privilegiou o ponto de vista do partido e do líder, neste momento o foco passa a ser as massas. Sob esta nova perspectiva, resta aqui analisar qual função psicológica Hitler exerceu no imaginário coletivo e de que forma sua ascensão pode ser relacionada com a realização das fantasias e anseios populares.

Um dos arquétipos – ou motivos universais – mais importantes no desenvolvimento psicológico, tanto de um indivíduo quanto de um coletivo, é o Arquétipo do Pai. O pai, imagem universal e comum a todas as culturas, está usualmente associado ao dever, à ordem e à autoridade. Dessa maneira, a imagem do pai não se restringe exclusivamente ao pai real, mas incorpora também as figuras e elementos da cultura que concentram as características do dinamismo psicológico responsável pela inserção do indivíduo na cultura.

Jung (1981) considera que em tempos de desequilíbrio psíquico, a consciência coletiva busca a liderança profética como um sintoma do movimento das massas. A inconsciência da massa acaba personificada pela figura do líder, que carrega a projeção coletiva reprimida pela cultura. Assim como o profeta, é igualmente importante a imagem do discípulo, que delega ao seu líder toda a responsabilidade pelas ações. A identificação com o líder representa uma inflação do ego em ambos os casos, “provém do inconsciente coletivo e a independência da individualidade é lesada.” (JUNG, 1981, par. 265). A possessão associada a Wotan prenunciava a turbulência na caótica sociedade alemã do período entre guerras e apontava para um vazio no centro do poder. A agitação e a necessidade inconsciente de ordem e disciplina encontraram na figura de Hitler o *locus* para a projeção maciça de grande parte da população.

Em inúmeras ocasiões, Hitler se identifica e é identificado por seus subordinados como o grande Pai nacional. Da mesma forma, são inúmeros os relatos de que Hitler exercia em seus discursos um fascínio descrito como “hipnotizante”. Os próprios oficiais nazistas e demais associados de Hitler utilizam tal termo para descrever a habilidade que Hitler tinha para convencer os demais. Como Speer relata à jornalista Gita Sereny, que documentou uma série de extensas entrevistas com o ex-oficial nazista,

[...] Uma coisa é certa. Todos que trabalharam próximos a ele por um longo tempo eram incrivelmente dependentes dele. Não importa quão poderosos

eles eram em seus próprios domínios, perto dele eles se tornavam pequenos e tímidos. [tradução do autor]. (COSTELLO, 2006, p. 42).¹³

Em suas apresentações populares Hitler provocava uma ambivalência afetiva na população digna de nota. Se de um lado, ao discursar contra seus inimigos Hitler se apresentava implacável, mordaz e agressivo, em ocasiões de maior proximidade com a população Hitler transmitia a imagem de um benevolente protetor, com todas as características de um pai defensor que inspirava o sentimento de segurança e de cuidado paternais à massa alemã.

Hitler aparecia como o recipiente capaz de dar voz às aspirações e aos desejos de uma nação em turbulência. A ausência de uma confiança no Estado durante a República de Weimar, a profunda crise econômica e o enfraquecimento da Igreja foram alguns dos elementos que contribuíram para a produção de um vazio no referencial de poder e autoridade na civilização européia ao final da I Guerra Mundial.

Zoja (2005) constata que as duas guerras mundiais foram responsáveis pelo declínio do patriarcado e pelo gradual esvaecimento da autoridade e da presença do pai no seio familiar. Após a I Guerra Mundial, o número de crianças órfãs chegava aos milhões e o universo familiar era predominantemente feminino. O serviço militar obrigava os homens a se apartarem de suas famílias e com o retorno dos veteranos de guerra, uma nova exigência se fazia. O autor apresenta o que se configura como o paradoxo do pai – se por um lado, o pai tem a função de cuidar e ser afetivo com seus filhos, de outro ele deve inserir o filho na sociedade e se apresentar como um representante da força e do sucesso. Essa dupla exigência do pai, que oscila entre as leis do amor e da força, caracteriza tanto a dimensão do pai individual quanto o patriarcado na civilização européia.

A ausência do pai – figura em constante e gradual declínio na sociedade européia – produz um vazio que culmina na posterior nostalgia alemã pela autoridade e disciplina paternas. Nessa perspectiva, vem à tona a figura do Pai nacional, figura capaz de recuperar o prestígio e o orgulho nacional, restituindo a glória e a grandeza da nação. O Pai, condensado na pessoa de Adolf Hitler, recebe a maciça projeção de todo um coletivo para suprir esse vazio produzido após as derrotas e humilhações vividas após a I Guerra Mundial. Como assinala Birman (2006):

[...] todas essas soluções autoritárias, que florescem na modernidade, são a contrapartida de um vazio produzido no centro do poder (Leffort). Com efeito, com a morte de Deus, com o assassinato do Pai do patriarcado e

¹³ [...] One thing is certain: everyone who worked closely with him for a long time was exceptionally dependent on him. However powerful they were in their own domain, close to him they became small and timid. (texto original).

com o destronamento do Rei da tradição teológico-política, as massas marcadas pela orfandade – e que não conseguem exercer plenamente a sua soberania política – aceitam de bom grado a sedução autoritária. Dessa maneira, alguém vai cuidar delas, e o vazio do poder será preenchido por um líder carismático, versão de um novo Deus e de um Pai onipotente.

A morte de Deus, descrita pelo autor acima é uma referência a um dos mais polêmicos escritos de F. W. Nietzsche (2001). Em *A Gaia Ciência*, Nietzsche anuncia a morte de Deus sob a forma de um louco que vaga em uma praça pública, clamando por Deus. Como Machado (1997) assinala, o que Nietzsche pretende evocar com esta dramática constatação é a ruptura cultural introduzida na modernidade com o desaparecimento dos valores absolutos, da autoridade divina e do dinamismo patriarcal. A esse respeito, o próprio Jung (1988) exalta que o anúncio da morte de Deus feito por um alemão ao final do século XIX era um alerta da crise na tradição europeia monárquica e católica.

No início do século XX o enfraquecimento do Cristianismo era latente em toda a Europa e a Alemanha presenciava uma perda total do referencial paterno, em especial com a ausência de qualquer figura de autoridade governamental nos anos precedentes. Segundo Costello (2006, p. 41), “o arquétipo paterno mediterrâneo dos justos, amante da ordem e benevolente governante foi destruído”. [tradução do autor].¹⁴

No caso particular de Albert Speer, Costello (2006) analisa que o obscurecimento perceptivo seja, em grande parte, o resultado da relação paternal estabelecida com Hitler. A grande admiração e respeito entre os dois homens era sentida por Speer como o mais próximo de um elo paternal, tendo em vista a fria e distante relação que ele tinha com seu pai real. A constelação do complexo paterno no caso do Ministro dos Armamentos nazista culminou em um estreitamento do campo perceptivo consciente, como é possível verificar a partir das palavras do próprio em entrevista concedida à jornalista Gita Sereny:

Eu continuava a permanecer cego, muito depois que qualquer um que quisesse enxergar a verdade poderia, porque isto me garantia me apegar às duas coisas que se tornaram minha vida: meu poder e meus sentimentos por Hitler [tradução do autor]. (COSTELLO, 2006, p.45).¹⁵

Como Costello (2006, p.46) assinala, “a projeção coletiva em Hitler, como herói e pai do povo se entrelaça com a não resolvida necessidade de Speer por amor e aprovação paternal.”. [tradução do autor].¹⁶ Entretanto, assim como Speer sentia por Hitler a afeição

¹⁴ The “Mediterranean father-archetype of the just, order-loving, benevolent ruler” had been shattered [...]. [texto original].

¹⁵ “I continued to wear blinkers, long after anyone who wanted to see the truth could see it, because they enabled me to hold on to the two things which had become my life: my power and my feelings for Hitler”. [texto original].

¹⁶ The collective projection onto Hitler, as hero and father of the people , intersected with Speer’s unresolved need for paternal love and approval. [texto original].

projetada de um pai ausente, a mesma dinâmica paternal pode ser observada de forma análoga no restante da população. A destrutividade, o caos e a desordem inconscientes se refletem na consciência como uma ânsia desenfreada por ordenação que, não elaborada, acaba por ter como conseqüência o totalitarismo, a escravidão ao Estado e a busca por um “Grande Pai”. Nesse sentido, Hitler inspira as qualidades do paterno ao se dedicar à vida política e se consolidar como o homem exemplar, representante do modelo a ser almejado e seguido por todos seus “filhos”. Da mesma forma, a família, centrada na figura do pai – provedor principal – era um dos ideais sociais promovidos pelo regime nazista.

Nesse vácuo produzido com a perda da autoridade patriarcal se assentam as bases sobre as quais Hitler aparece como o messiânico salvador da nação. A ditadura reafirma a disciplina e a autoridade fragilizadas com o declínio do patriarcado e dá corpo à nostalgia do pai, respondendo às necessidades populares. O ideário nacionalista é analisado por Birman (2006) como o pano de fundo para a emergência de um fenômeno que seduz as massas ao dar voz ao imaginário coletivo inconsciente de salvação. O discurso, nessa perspectiva, é o revestimento por intermédio do qual se consolida a projeção na figura do líder, capaz de proteger os humilhados de seu desamparo histórico.

Zoja (2005) entende que as fantasias produzidas com o desaparecimento do pai no cenário familiar estimularam o desenvolvimento de imagens e lendas populares coletivas, associadas à destituição do pai. Tais imagens, de caráter regressivo, apresentavam motivos anti-heróicos e monstruosos. Aqui se percebe a descrição de outro elemento que evidencia a manifestação do primitivo, descrita por Jung como a irrupção de Wotan. O “Deus Nacionalista” inspirado em Wotan reemergiu das cinzas, e Hitler ocupou esse espaço vago.

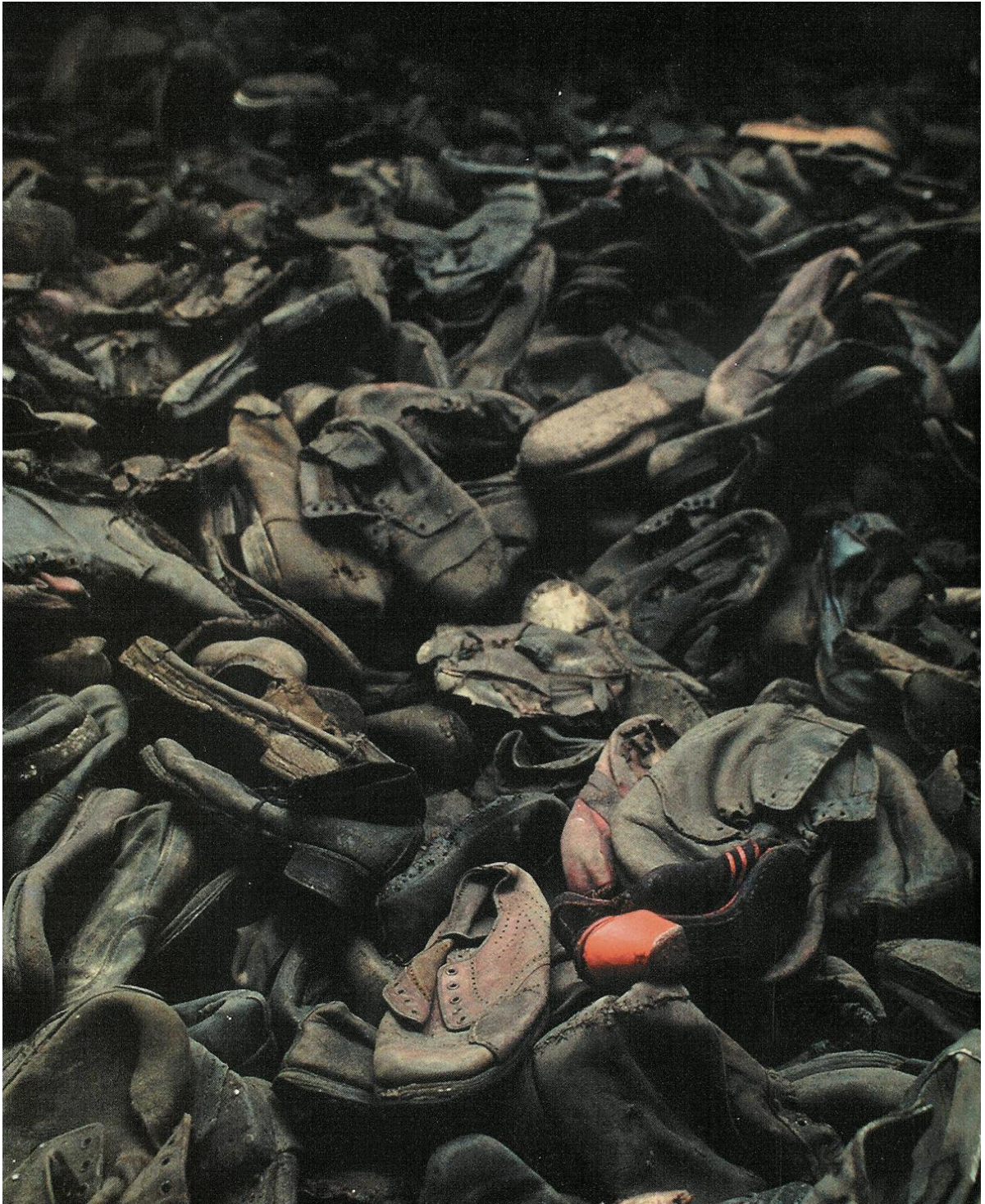
Ao final da guerra, em meio à ambivalência da figura paterna, a ditadura assumiu o aspecto do Pai Terrível. Zoja (2005) aproxima a imagem do pai da ditadura com o mito de Cronos, que atribui a seus filhos a execução de tarefas impossíveis. Sem a possibilidade de crescer e se desenvolver de forma autônoma, os filhos da pátria nazista se vêem sufocados no âmbito da exigência do Estado. Tal imagem ilustra o fenômeno de conversão do pai em uma figura negativa, que dirige ataques a seu próprio povo e busca a onipotência por intermédio da destrutividade.

A dimensão do patriarcado projetada em Hitler, com todas suas ambivalências, teve como pano de fundo a construção da identidade coletiva e grupal, mediante o crescimento da massa. Hitler propiciava o sentimento de uma comunidade fraternal, amparada e pertencente à mesma casa – a nação alemã. À medida que aumenta a projeção e a dependência da figura paterna representada pelo ditador, cresce o conforto conquistado com a construção do senso comunitário de comunhão entre irmãos e as massas se vêem reunidas pelo sentimento de uma grande fraternidade popular.

Para que seja possível avançar na compreensão do fenômeno de sedução e atuação das massas na Alemanha de Hitler, se torna imprescindível analisar em mais detalhes o ideal antissemita, bem como a noção de pureza racial defendida pelos nazistas. A possessão fanática, descrita por Jung, se encontra intimamente associada ao princípio de superioridade racial. Na seqüência, esses fenômenos ganham destaque, com o objetivo de tecer algumas considerações acerca de um dos mais polêmicos e categóricos pressupostos do nacional-socialismo – o ódio aos judeus e a defesa da raça ariana como superior.

Parte III

NINGUÉM



8 Antissemitismo, ideologia racial e o pensamento mágico

De inoperante cidadão do mundo passei a ser um fanático antissemita [...] Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus. (HITLER, 2003, pg. 52-53).

Como discutido anteriormente, Hitler ocupava no imaginário dos alemães o papel de Pai protetor, capaz de garantir a segurança frente à iminente ameaça que se apresentava de todos os lados. Cada qual em seu tempo, as diferentes minorias étnicas e sociais eram apontadas e discriminadas como um mal a ser combatido, assim como Minerbi (2009b, p. 105) relata:

Principais vítimas, logo após a tomada do poder, foram os inimigos políticos, encerrados em campos de concentração para serem “reeducados”. [...] Outros, ao contrário, foram estigmatizados como racionalmente inferiores, como os judeus, mas também os ciganos e os doentes mentais: a estes devia ser proibido qualquer contato com os alemães e foram gradualmente, mas capilarmente, excluídos de todos os setores da sociedade.

Paulatinamente, a realidade passava a se definir a partir de duas diferentes categorias: aqueles que faziam parte da comunidade do povo alemão e aqueles que se encontravam excluídos desta. Contudo, com o passar dos anos, os judeus passaram a ocupar espaço privilegiado nos ataques conferidos pelos nazistas. Alicerce fundamental no projeto desenvolvido pelos nazistas para reerguer seu devastado país, o antissemitismo merece destaque no bojo das propostas de reforma social nazistas, uma vez que sua consecução envolveu a perseguição e o genocídio de milhões de judeus ao longo do regime nazista. As políticas antissemitas e a concomitante projeção nos judeus de todo o Mal ilustram de forma significativa o mecanismo compensatório característico do funcionamento psicológico da massa alemã durante o III Reich.

Antes de prosseguir na consideração do dinamismo psicológico alemão de projeção maciça nos judeus, vale retomar o que se entende por antissemitismo, assim como sua expressão na História europeia, antes do derradeiro desenvolvimento da “solução final” nazista de extermínio em massa. De acordo com o Dicionário Aurélio (1999), antissemitismo é a “doutrina ou movimento contra os judeus” e antissemita é definido como “inimigo dos semitas, especialmente dos judeus.”

Arendt (1989) assinala que o antissemitismo começou a se difundir pela Europa no final do século XIX, em especial a partir da década de 1880. Os judeus, apesar de totalmente desprovidos de qualquer poder político, ocupavam grandes espaços no setor bancário. Com a queda da monarquia prussiana a classe média começou a temer o crescimento dos judeus e, por conseguinte, estes passaram a ser vistos com maus olhos

por toda a Europa e, em especial, na Alemanha. Minerbi (2009b) assinala que foram vários os fatores que culminaram na representação dos judeus como inimigos comuns ao crescimento nacional, dentre eles a necessidade de se identificar uma causa – e um causador – para o declínio europeu.

Quanto a esse aspecto, Arendt (1989) e Minerbi (2009b) ressaltam a importância do documento *Os protocolos dos antigos sábios de Sião*, texto basilar do antissemitismo, farsa desenvolvida com o objetivo de sustentar o ódio aos judeus. No texto, é promovida a tese de que haveria uma conjuração secreta tramada pelos judeus para a conquista do mundo. A primeira edição alemã apareceu em 1919 e, como era de se esperar, tinha como finalidade justificar o uso da violência para conter o suposto projeto da comunidade judaica. Desde o princípio da formação do NSDAP se nota como a criação do Estado total está obscuramente entrelaçada com o pensamento antissemita.

Byington (2003) observa que desde a Idade Média, durante a Inquisição, vigorava o pensamento antissemita, tendo em vista que os judeus já desempenhavam o papel de bode expiatório na defesa da fé cristã. Contudo, o ápice genocida é indubitavelmente alcançado com o Holocausto durante o período nazista. O nazismo se aproveitou de todo o panorama de desconfiança quanto aos judeus no final do século XIX, adicionou uma conotação biológica e enfatizou sua existência como motivo capilar para a decadência alemã. A extirpação judaica passa a ser apregoada como ato necessário para a instauração da nova ordem pretendida.

Na contrapartida, era defendida a idéia de uma raça de sangue puro, considerada superior e que deveria ser preservada – a raça ariana. O conceito, como assinala Couto (2008), originalmente foi empregado para descrever a população indo-européia estabelecida na região da Ária, no planalto iraniano após o século II a.C. Ainda segundo o mesmo autor, inspirado na corrente esotérica da Teosofia, Hitler teria se aproveitado da tese de que a raça ariana correspondia ao ápice do desenvolvimento cultural e que a Alemanha seria o país em que os arianos ainda se encontravam conservados em “estado puro.”

A esse respeito, Reich (2001) afirma que Hitler defendia a divisão da humanidade em três categorias raciais: as fundadoras, as portadoras e as destruidoras da civilização. Ao apontar os judeus como seres inferiores, destruidores da cultura, os arianos são identificados com a polaridade oposta, como a única raça ainda viva que apresenta como característica a criação de civilização e cultura. Dessa forma, o argumento nacional-socialista consistia em evitar o envenenamento do sangue, mediante o cruzamento de raças. Conseqüentemente, os judeus deveriam ser apartados da sociedade para impedir que a raça ariana fosse “contaminada”. Essa luta pela preservação do sangue foi o artifício discursivo que serviu de base para o desenvolvimento dos ideais racistas que culminaram na criação dos campos de extermínio e justificou o extermínio em massa.

Inicialmente parece incompreensível como tal argumento foi capaz de atingir e ser voluntariamente defendido pelas massas durante o regime nazista. No presente trabalho já foi discutida a importância dos complexos na constituição do estado de possessão hipnótica vivido pelos alemães e o papel que Hitler desempenhou nesse processo. As contribuições do psicólogo junguiano americano Edward C. Whitmont (1991) tornam possível avançar na discussão, ao se levar em conta sua descrição das fases mágica, mitológica e mental.

A fase mágica, tal como Whitmont a descreve, tem como característica central o sentimento de uma identidade simbiótica, unitária. Na fase mágica a estruturação da consciência precede qualquer cisão ou conflito de polaridades. Nesta fase tem expressão, sobretudo, um movimento regido pelo elemento do feminino. Se o masculino expressa a oposição e o contraste, o feminino remete à continuidade e a unidade.

No desenvolvimento individual, a fase mágica remete ao período em que ainda não há uma nítida separação da mãe, de forma que não foi elaborada uma consciência de identidade autônoma por parte do sujeito. A partir do mesmo raciocínio, o funcionamento psicológico descrito pode ser transposto para uma análise de grupos. Como o autor apresenta, na fase mágica: “A consciência é uma consciência grupal. A vontade é a vontade do coletivo. O que chamamos bom ou correto é, simplesmente, o que propicia terror e perigo, o que beneficia e sustenta a vida do grupo” (WHITMONT, 1991, p. 65). A estruturação mágica da consciência faz com que seja inconcebível a alguém se destacar individualmente, uma vez que o indivíduo somente existe para e pelo grupo. Nesse estágio da consciência prevalece uma ética em que o indivíduo permanece preso ao coletivo e o conceito de bom e mau apenas diferencia aquilo que é positivo e aprovado pelo coletivo daquilo que não coaduna com os costumes e se apresenta como prejudicial ao grupo.

A fase mitológica, por sua vez, corresponde a um momento de transição de um modo de funcionamento ginecolátrico, ou seja, regido pelo feminino, para uma consciência mental, racional, regido pelo elemento masculino. No que concerne a essa etapa, é interessante destacar a criação de rituais e o início da prática do sacrifício. O sacrifício, na concepção do autor, tem a intenção primária de evitar e prevenir o mal, mediante a oferta de vidas humanas para que esse propósito seja atingido.

A fase mental, também designada como fase patriarcal, aponta para o predomínio da racionalidade e do controle humano sobre os elementos da natureza. O pensamento passa a ser a função primária na relação estabelecida com o mundo ao redor e com o próprio ego. Na contrapartida, o sentimento e o afeto são relegados a segundo plano, permanecendo separados e reprimidos da consciência. Ao mesmo tempo, essa fase está associada ao elemento masculino, introduzido e mantido pela imagem do “Pai”.

Whitmont (1991) alerta para o fato de que, para além do modo de funcionamento racional ao qual estamos habituados, se encontram adormecidos os dinamismos

psicológicos primitivos de ordem matriarcal, mágica e mitológica. Apesar de permanecerem inconscientes, tais dinamismos continuam a exercer sua influência, transformando e complementando a orientação unilateral racional da consciência, mediante o mecanismo compensatório da psique.

A princípio se observa que a ideologia nazista corresponde a uma expressão do raciocínio mentalista, racional, uma vez que tem como fundamento o julgamento e a discriminação. Além disso, com a instituição do líder, esse aspecto se organiza em torno da figura paterna desempenhada por Hitler. À medida que o princípio masculino representa a cisão e a separação, emerge concomitantemente a dimensão do feminino, expressa mediante a noção de identidade com a pátria. Nesse sentido, na mesma proporção em que o pensamento nacional-socialista possui em sua estrutura uma articulação de caráter racional, seu conteúdo se encontra profundamente enraizado em princípios mágicos. A premência alemã por encontrar uma causa para os problemas que assolavam a nação se entrelaça à primitiva associação com o sentimento de pertencimento à tribo defendida por Hitler. À medida que o *Führer* gradativamente cresce no interior do NSDAP e ascende ao poder como um herói messiânico, se torna mais clara a ideologia nazista, calcada na noção central da superioridade da raça ariana.

A fragilidade psicológica dos alemães resultou em uma entrega ao sentimento de pertencimento à horda, exaltado através do ideal ariano e reflexo da crise do pensamento racional, análoga à crise política e econômica. Concomitantemente, se fez cada vez mais presente a necessidade de identificar e apontar um inimigo ou bode expiatório, responsável pela existência de todo o mal. Não somente os judeus, mas todos aqueles considerados como “não-arianos” passariam a ser culpabilizados pela decadência alemã e, conseqüentemente, perseguidos pelo exército alemão.

A intensa propaganda antisemita garantia apoio e respaldo de grande parte da população, que passou a identificar os judeus como estranhos desagradáveis e, ulteriormente, como inimigos a serem combatidos. Idoneamente, com a premissa de assegurar a sobrevivência, se tornava imperioso evitar o contato com judeus, comunistas, homossexuais, árabes, negros e, em última instância qualquer um que oferecesse risco para a manutenção da pureza racial. Nessa perspectiva, o genocídio em massa pode ser entendido como o sacrifício necessário para garantir o bem do grupo ariano, sua segurança e longevidade.

Por sua vez, o Nacional-Socialismo teve como elemento vital de sedução o veemente apelo às dimensões afetivo-volitivas mais obscuras dos indivíduos, ao invés de se sustentar na coerência lógico-racional de suas argumentações para atingir os fins almejados. Não é de se surpreender que racionalmente seja inconcebível justificar o apontamento dos judeus e de todos aqueles considerados inferiores por Hitler como responsáveis pela degeneração

alemã. Os judeus somente poderiam ser considerados responsáveis pelo declínio alemão na medida em que a motivação para a aceitação destas idéias encontrasse eco em profundas camadas do inconsciente nacional alemão.

Nesse sentido, o autoritarismo, seja ele inclinado para a esquerda revolucionária ou para a direita conservadora, é apenas o revestimento superficial de uma ampla e complexa teia de influência e sedução. O conteúdo manifesto e explícito do discurso se apresenta apenas como uma produção residual que mistifica a intrincada projeção envolvida no fascínio pela figura do ditador e na entrega irrefletida à ideologia nazista como forma de assegurar o bem do grupo. Sob a figura de Hitler, o discurso assume uma nova e complexa direção, uma vez que aqui pouco importa o direcionamento do mesmo, mas sim a solução mágica que é por ele prometida.

O que está em questão não é como o nazismo apresenta sua proposta de restauração da ordem e do prestígio nacionais, mas justamente a promessa corporificada no partido e, em especial, na figura de Adolf Hitler. Como Birman (2006) assinala “[...] o discurso se transforma numa epopéia maniqueísta, de tonalidade moralista, de retorno ao paraíso perdido [...]”.

O retorno ao paraíso pode ser aqui compreendido como a restauração de um estado em que o sofrimento e as perdas não são vividas e tudo o que se sente é o confortável sentimento de pertencimento experienciado na indiferenciação dos primeiros momento de vida e reproduzido na primitiva associação à tribo ensejada pelo Nacional-Socialista. Seguindo esse raciocínio, o paraíso prometido com a ascensão nazista é análogo à fase mágica descrita por Whitmont (1991), pois produz a mesma segurança e confiança básica no imaginário inconsciente popular, por intermédio da noção geral de pertencimento indistinto à pátria. No nacionalismo o corpo individual se transforma em corpo coletivo, a voz de um único sujeito é representante das angústias de todos e a luta da nação alemã é, ao mesmo tempo, a luta de todos os indivíduos que ali se encontram, sem qualquer nuance de diferenciação. A fraternidade entre irmãos propiciada com a formação das massas reitera essas últimas afirmações.

A potência do dinamismo psicológico mágico, quando inconsciente, produz efeitos devastadores, tal qual se percebe na Alemanha nazista. Sob a premissa de uma defesa do grupo, a projeção irracional no bode expiatório provocou, igualmente, o assassinato de milhões de seres humanos. Na busca pelo paraíso, o que se observa é que grande parte dos alemães, reunidos na massa, se entregaram ao líder da horda, acatando como seus os interesses nacionais defendidos na época, na esperança de que este o conduzisse à superação das adversidades e pudesse restituir o sentimento de segurança.

Nessa perspectiva, uma nova questão se apresenta, remetendo justamente à tensão entre as polaridades indivíduo x coletivo. Ao participar da mobilização coletiva, resta

reconhecer a legitimidade do projeto de cada um dos indivíduos ao se integrar à massa. Se o projeto do grupo coincide com a busca individual de cada um de seus componentes de forma autêntica, então o coletivo se justifica como necessário e fundamental para o crescimento do sujeito. Entretanto, o que se observa é que a ditadura nazista, com suas reconhecidas características de manipulação e sedução das massas, produziu um estado de submissão e acatamento sem precedentes. O torpor coletivo observado durante o regime nazista alerta para alguns aspectos discutidos até este momento, como a ânsia por um referencial paterno ausente, a explosão de um primitivo e inconsciente desejo de onipotência e o sentimento de identificação e pertencimento ao coletivo. Na tentativa de progredir na discussão dessa questão, a seguir é abordada a contraposição entre o regime totalitário ditatorial e a realização pessoal dos indivíduos em seu projeto singular de vida.

9 Massa e individuação

Em *Massa e poder* (1995), Elias Canetti aponta que o pertencimento à massa permite ao homem superar aquilo que ele mais teme – o contato com o desconhecido. A massa oferece ao sujeito a possibilidade de se libertar do medo de desagregação e da ameaça externa, uma vez que elimina as diferenças e cria o sentimento místico de profunda identidade entre seus componentes. Esse sentimento de homogeneização indiferenciada é semelhante à participação mágica descrita no capítulo anterior e produz uma dependência do coletivo a tal ponto que a individualidade se exaure, perdida em meio ao propósito da massa.

O psiquiatra e psicanalista austríaco Wilhelm Reich é um dos poucos autores (senão o único) a dedicar um livro exclusivamente para a questão do nazi-fascismo enquanto fenômeno de massas. Em sua *Psicologia das massas do fascismo* (2001), o autor defende a tese de que a eclosão do nazi-fascismo pode ser explicada por uma repressão milenar aos impulsos e às necessidades básicas do homem, como reflexo da estrutura de caráter irracional do homem médio.

Para compreender com maior propriedade a terminologia reichiana e o emprego conferido à expressão *homem médio*, é apropriado recorrer a um de seus mais conhecidos e assertivos escritos, *Escute, Zé-Ninguém!* (2007). O livro, escrito pelo autor sem nenhuma intenção de publicação à época, corresponde a um profundo apelo a toda a humanidade, na tentativa de que esta re-assuma responsabilidade por sua vida e possa desenvolver seu potencial vital da forma mais plena possível. Para atingir tal finalidade, Reich começa por descrever aquele que ele considera como sendo o “homem comum”, o *Zé-Ninguém* de nossos tempos.

O homem comum, como o autor apresenta, corresponde àquele que executa suas tarefas sem se questionar acerca da legitimidade e do entrelaçamento destas com seu projeto individual. Naturalmente, o que decorre de tal fenômeno é a produção de indivíduos que acatam e aceitam ordens, sem qualquer reflexão que lhes seja própria. Os representantes do “Zé-Ninguém” reichiano são em parte, todos nós, herdeiros de uma história de opressão e condicionamento que faz com que não nos sintamos responsáveis pela condução de nossas próprias vidas. Como reflexo dessa condição, nos assujeitamos, de acordo com o autor, a todos aqueles que julgam ter o poder e a capacidade para governar a vida, contanto que ela não mais represente um problema a ser solucionado por si mesmo. Em outras palavras, na fuga à nossa necessidade mais primordial – a de decidir e controlar o rumo de nossas vidas – delegamos a outrem a responsabilidade por essa tarefa.

Da mesma forma, sob a perspectiva junguiana, essa falta de propriedade sobre o próprio destino pode ser compreendida como uma obstrução ao processo de individuação. De acordo com Jung (1981, par.226):

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por 'individualidade' entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo.

Antes de prosseguir, algumas considerações se tornam necessárias para que o amplo significado do termo individuação seja apreendido. A individuação, tal como é apresentada pelo Dicionário Junguiano (2002), envolve um processo gradual de transformação e diferenciação do coletivo, na direção do reconhecimento do indivíduo separado da totalidade. Entretanto, tal noção não deve ser confundida com individualismo, uma vez que o processo de individuação, natural a todos os seres humanos, ocorre concomitantemente em dois níveis, um subjetivo e um objetivo. No nível subjetivo, a integração e assimilação de conteúdos inconscientes propiciam a aquisição de consciência e o fortalecimento do ego. Por outro lado, na dimensão objetiva, para se diferenciar do coletivo, a relação com o outro se apresenta como condição fundamental para o gradual processo de um reconhecimento recíproco entre o indivíduo e a comunidade.

Nessa perspectiva, a integração do consciente coletivo, composto pelas regras, normas e valores sociais vigentes se apresenta como condição *sine qua non* para a conscientização do ego em suas tomadas de decisão ao longo da vida. Nesse processo, a meta é atingir o equilíbrio entre as normas coletivas e a moralidade individual. A excessiva polarização em um dos opostos representa um perigo à integridade de uma das partes, seja ao indivíduo ou à coletividade. Quando se verifica um profundo desconhecimento da sombra e uma dependência exacerbada do coletivo, como é o caso da Alemanha nazista, a produção decorrente é uma sociedade composta por indivíduos imersos em profundo estado de alienação e a submissão da individualidade ao coletivo.

A obediência incontestável ao *Führer* culminou em uma obediência cega caracterizada pela abdicação da responsabilidade individual na condução do próprio destino. À medida que os indivíduos almejam o desenvolvimento coletivo e suspendem uma ética individual e uma preocupação com seu próprio destino, centram todos seus esforços em uma realização massificada de ordem inconsciente e como consequência decorre uma suspensão da preocupação com o desenrolar de suas vidas. Na linguagem da Psicologia Analítica, pode-se dizer que o processo natural de individuação fica relegado a segundo plano.

Como Jung (1981, par. 269) assinala: “a meta da individuação não é outra senão despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona, assim como do poder sugestivo das

imagens primordiais”. O termo si-mesmo é a tradução para o português do conceito nomeado por Jung como *self*, um dos conceitos mais complexos e discutidos ao longo da obra de Jung. Em linhas gerais, o *self* corresponde a uma imagem arquetípica da totalidade da psique humana. Ocupa posição central no mapa da psique desenvolvido pelo autor e é um princípio unificador e organizador. Von Franz (1964, p. 162) acrescenta:

O *self* pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente [...] um centro regulador, centro que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade.

À medida que predomina esse duplo estado de alienação consciente – das forças arquetípicas inconscientes e sujeição indiscriminada às normas culturais –, o processo de individuação se vê prejudicado. Sobre esse assunto as idéias de Byington (2003) acerca da interação fusionada entre o *self* individual e o *self* cultural na Alemanha podem ser ilustrativas de um significativo desvio no processo de individuação, tanto pessoal quanto nacional.

O filme *O leitor* (2008) é uma recente co-produção alemã e americana que abre uma interessante perspectiva sobre o nazismo, capaz de ilustrar as vicissitudes do processo de individuação nos anos do Nacional-Socialismo. A dimensão da exigência e da obrigação inerentes ao exercício de determinada função durante o regime totalitário nazista é trazida a tona através de uma das personagens principais, Hanna Schmitz, interpretada pela atriz Kate Winslet. Quando questionada no tribunal sobre sua função como guarda de um campo de concentração, ela responde veementemente que nada poderia fazer, afinal, qualquer atitude que tomasse na direção de tentar salvar as pessoas que ali eram exterminadas seria contrária à própria execução de suas funções como guarda. A inocência e a certeza com que a personagem traz a questão do dever são aspectos que merecem ser considerados com maior atenção.

Inicialmente, se percebe que a disciplina coletiva instaurada ao longo do nazismo é sustentada por uma motivação que perpassa o ato em si, provocando a manutenção de comportamentos caracterizados pelo obstinado exercício do dever. Como ilustrado no filme, é possível constatar que o dever assume uma importância acima de qualquer contestação. A personagem afirma ser inconcebível abrir as portas de uma igreja em chamas ocupada por vários prisioneiros, uma vez que tal comportamento comprometeria o exercício de sua tarefa primeira, a rigor, conter os prisioneiros. Com esse exemplo, é notável a obliteração da consciência e a indiferenciação da norma coletiva, fenômeno que sintetiza a parca elaboração dos arquétipos da ordem. De acordo com Jung (1988), a falta de integração dessas forças arquetípicas é um reflexo da concomitância entre o estado caótico e desordenado que se produziu no III Reich, na sociedade e no indivíduo.

Outro filme atual que traz à tona o conflito entre o indivíduo e o coletivo durante o nazismo é *Os falsários* (2009). Baseado em fatos reais, o filme expõe a *Operação Bernhard*, que consistia na falsificação de moedas estrangeiras com o intuito de produzir uma crise econômica nos países inimigos, ao inundar o mercado internacional com dinheiro falso. Em um campo de concentração, judeus de diferentes habilidades são convocados para conduzir a operação. A prática da contravenção pretendida pelos nazistas se torna então sua premissa de sobrevivência. Contraditoriamente, o que garante a sobrevivência imediata é o mesmo que a longo prazo determina a manutenção do sistema nazista, a vigência do campos de concentração e, conseqüentemente, a ruína dos judeus e de todos os demais presos. As duas personagens principais, Sally Sorowitsch e Adolf Burger representam papéis distintos que expõem o conflito básico produzido com a demanda dos oficiais. Enquanto Sally decide levar a cabo a operação com a intenção de assegurar sua vida, Burger se contrapõe e atua de forma a retardar ao máximo a conclusão da falsificação. Pelo que a História apresenta, o atraso promovido por Burger foi de vital importância para que se acelerasse a derrocada do regime nazista.

A princípio, uma análise superficial das conflituosas situações apresentadas pelos dois filmes mencionados acima atesta o complexo entrelaçamento entre sociedade e indivíduo ao longo do regime nazista. Entretanto, com a personagem de Adolf Burger em *Os falsários* (2009), uma nova perspectiva se abre, referente ao enfrentamento das imposições coletivas mediante a realização de uma crença pessoal. O motivo heróico de Burger pode ser considerado como uma concretização de uma força inconsciente, explicitada pelo arquétipo do Herói. O herói é um padrão arquetípico universal e, como tal, representa o sacrifício e o enfrentamento da massificação, na direção da constituição da própria identidade. Como uma de suas características primordiais, o herói apresenta a capacidade de resistência e de manutenção da consciência em meio à profunda tensão entre os opostos.

O caso de Burger, entretanto, é um dos raros exemplos registrados na História de um enfrentamento da avassaladora possessão Nacional-Socialista. Ainda assim, ao se considerar que ele era um judeu aprisionado em um campo de concentração, lutando por sua própria sobrevivência, permanece em aberto qual a representação heróica do pólo oposto, a parcela da população alemã que se encontrava justamente motivada pelos ideais nazistas. Em outras palavras, se o comportamento de Burger foi regido pelo motivo do herói na tentativa de salvar seu povo, resta identificar qual era a força equivalente no imaginário nazista que sintetizava o heroísmo necessário para salvar a raça ariana. Como Stein (2006, p. 156) assinala:

O que é universal, porém, e portanto arquetípico, é que toda e qualquer cultura espera e exige da pessoa jovem a realização do desenvolvimento e adaptação do ego à cultura que ela pertence. Em todas as culturas, as imagens do herói e da heroína são tidas na conta de ideais. O herói é uma imagem ideal de alguém que realiza o desenvolvimento do ego como se presume que os homens devem emular e admirar; a heroína é uma imagem que fornece esse modelo para mulheres.

Indubitavelmente, a projeção em torno da figura de Hitler foi um dos aspectos centrais na constituição do herói alemão. Emergindo das sombras, ao Pai nacional foi atribuída a responsabilidade integral de conduzir um povo. Considerado como um ideal a ser admirado, a figura de autoridade máxima nazista personificava uma das faces da realização heróica na Alemanha. Não obstante, o próprio Hitler identificava outra potência fundamental na constituição do novo império alemão – a juventude alemã –, com seu potencial renovador e a responsabilidade de reerguer o orgulho e prestígio nacionais.

A juventude na concepção Nacional-Socialista era considerada como o futuro da nação e dela emerge um dos símbolos alemães mais expressivos: o exército. De acordo com Canetti (1995), o alemão tinha no exército, desde o final da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) sua instituição mais importante. Como representante máximo da ordem e da disciplina, o exército se apresentava como o depositário das expectativas nacionais de transformação. Sua existência concatenava o anseio pela ordem e a restituição da força, de forma que participar do exército era a máxima expressão da contribuição aos interesses nacionais e envolvia a possibilidade de se tornar um herói, admirado e venerado pela população.

O arquétipo do herói, responsável pela construção da identidade, está intimamente associado ao processo de individuação descrito por Jung (1964). O herói é a imagem essencial que direciona a constituição da individualidade e permite ao sujeito a construção de sua identidade e a autoconsciência. O que se observa, contudo, é uma deflação da figura do herói produzida pelo regime nazista. O herói, usualmente associado ao indivíduo capaz de feitos extraordinários, assume a imagem do cumpridor dos deveres cotidianos e militares durante a ditadura.

A expectativa de transformação nacional e sua projeção inconsciente em figuras heróicas externas altamente destrutivas, tais como Hitler e o exército, ocasionaram uma profunda dissociação na massa ao final da guerra. As figuras de ordem, expressas por intermédio de uma projeção resultante de uma incapacidade de elaboração dos motivos inconscientes, produziu impactos aterradores ao longo do regime nazista e deixou para as novas gerações uma série de questões que ainda clamam por maiores esclarecimentos.

10 Discussão

A II Guerra Mundial deixou às gerações futuras um legado aterrador, não só para a Alemanha, mas também para o restante do mundo. A memória do Holocausto e o genocídio de milhões de seres humanos permanecem vivos, como uma realidade irrefutável que desafia a compreensão. O nazismo, como representante do Mal, traz à superfície uma série de questões que desde tempos imemoriais afligem a humanidade e alertam para o aspecto incontrolável, irascível e cruel da experiência humana. Ao longo desta monografia, na tentativa de tornar conscientes aspectos da dinâmica sombria atuada nas massas durante o regime nazista foram apresentados e discutidos alguns dos mecanismos psicológicos por trás do fanatismo que caracterizou os anos do Nacional-Socialismo na Alemanha.

Na parte “UM”, que inaugura a discussão do tema, foi constatada a importância dos fatores sócio-econômicos na produção de uma realidade com características singulares, o que propiciou a escalada do Partido Nacional-Socialista ao poder. A ausência de perspectiva que assolava a população encontrou em Hitler uma resposta para se reerguer, apoiada na série de mudanças experienciadas em curto prazo de tempo, após o Partido Nacional-Socialista ter assumido o poder. Da mesma forma, à medida que Hitler conquistava as massas com seus discursos efusivos e com o cumprimento das promessas de uma nova Alemanha, o apoio concedido a ele se tornava cada vez mais incondicional. Hitler sintetizava o retorno de dias melhores para muitos alemães e, concomitantemente, a possibilidade de resgatar uma nação completamente perdida, devolvendo não só condições básicas que asseguravam a sobrevivência, mas também o orgulho e a honra perdidos desde a derrota para a *Entente* na Primeira Guerra Mundial.

A despeito de outros tantos regimes ditatoriais autocráticos, o nazismo não foi produto privilegiado do uso da força militar, do governo de um único homem ou da exclusiva imposição de uma ideologia política. Tendo produzido uma incomparável mobilização de massas, o conceito de reforma social xenofóbica promovido durante o nazismo somente foi possível devido à recepção voluntariosa de todo um povo. Como Reich (2001, p. 34) aponta, as idéias megalômanas defendidas pelo *Führer* nazista somente são instituídas e consolidadas socialmente “quando a sua visão individual, sua ideologia ou o seu programa encontram eco na estrutura média de uma ampla camada de indivíduos”.

Do ponto de vista psicológico a adesão das massas pode ser compreendida essencialmente mediante a hipótese da compensação. À medida que o sentimento geral era de perda e de profunda desesperança, a consciência coletiva se orientou na defesa dos interesses nacionais e individuais e assumiu a forma de uma desenfreada batalha pela identidade e pela consolidação do Estado. Na contrapartida, a polaridade oposta inconsciente incorporava elementos que exprimiam agressividade e primitividade. O homem

coletivo, fixado na Sombra e mal elaborado pela consciência, insurgiu em uma forma arcaica, promovendo uma destrutividade em proporções épicas. Como um dos aspectos do fenômeno compensatório, a parca elaboração dos elementos inconscientes da ordem e da disciplina na sociedade alemã teve como conseqüência uma cega identificação com a liderança autoritária do *Führer* nacional. Da mesma forma, o complexo de inferioridade que acometia a pátria alemã teve como reflexo direto a perseguição de um ideal de grandeza totalmente desproporcional à experiência consciente.

Ao final da guerra, quando os atos do III Reich foram tornados públicos, a Alemanha passou a ocupar um tenebroso espaço no imaginário europeu. Não apenas os alemães foram julgados responsáveis do ponto de vista legal por crimes contra a humanidade, mas a eles também foi inculcada a culpa coletiva pelos feitos do nazismo. Como Jung (1988, p. 18-19) aponta no artigo “Depois da catástrofe”:

O conceito psicológico de culpa descreve a existência irracional de um sentimento de culpa subjetivo (ou de uma certeza de culpa) ou ainda de uma culpa objetivamente atribuída (participação solidária na culpa). [...] Do ponto de vista jurídico, a culpa só pode ser circunscrita a quem viola o direito; como fenômeno psíquico, porém, ela se estende para além dos limites espaciais e humanos. [...] Da mesma maneira que a Europa precisa ajustar contas com o mundo, a Alemanha deve fazê-lo em relação à Europa. E assim como o europeu não poderá convencer o hindu de que a Alemanha não lhe concerne propriamente, de que ele não está na Europa ou de que esse assunto não lhe interessa, o alemão não pode se desfazer da culpa coletiva diante do europeu sob o pretexto de que não sabia de nada. Com isso ele aumentaria ainda mais sua culpa coletiva pelo pecado da inconsciência.

É inquestionável que após a II Guerra Mundial a culpa tenha sido um fenômeno que assolou a Europa como um todo e em especial, a Alemanha. A culpa coletiva, como discute Jung (1988), corresponde a um fenômeno psíquico de ordem irracional, relacionada, mas independente do sentido moral de justiça. Independente do envolvimento direto com a catástrofe, todos os alemães foram intimados, objetiva ou subjetivamente, a responder pelo que se passou, tanto para os demais como para si mesmos.

Quanto ao sentido psicológico da culpa, é interessante recorrer às considerações de Jacoby (1996), segundo o qual o nascimento dos sentimentos de culpa e vergonha remonta ao mito de origem judaico-cristão de Adão e Eva. Ao experimentar do fruto proibido, simbolicamente o que decorre é a vivência do conhecimento. No relato bíblico, a aquisição do conhecimento coincide com a origem da consciência e a primeira conseqüência dessa conquista é a vergonha sentida por se reconhecer nu perante uma pessoa do outro sexo. Na seqüência, o que se verifica é o aparecimento do sentimento de culpa, em decorrência da

desobediência. Dessa forma, a culpa se apresenta desde o princípio como um fenômeno psíquico profundamente associado à idéia de consciência.

A produção americana *Operação Valquíria* (2008) serve para ilustrar a intensidade e os efeitos que o nazismo teve sobre o imaginário coletivo. O filme, baseado em fatos reais, retrata a operação de 20 de julho de 1944, quando oficiais nazistas planejaram o assassinato de Hitler almejando a derrocada do regime nazista. De um lado, a operação Valquíria atesta que nem todos os alemães envolvidos com Hitler à época estavam totalmente “possuídos” pela imagem do ditador. A esse respeito, é interessante observar que o sucesso do golpe de estado pretendido só era concebível na medida em que Hitler fosse morto. Esse raciocínio explicita a que ponto a figura de Hitler estava identificada com a ideologia promovida pelo partido no imaginário coletivo. Nesse contexto, qualquer mudança ou transformação social e política era impossível enquanto Hitler estivesse vivo.

Ao mesmo tempo, a ressonância da operação clandestina após o declínio de Hitler traz à tona outro aspecto que merece destaque. O fenômeno de possessão que acometeu a grande maioria dos alemães, refletido no fascínio exercido pelos ideais defendidos por Hitler era tamanho que, mesmo após sua morte e a rendição incondicional aos Aliados, os oficiais que tramaram o golpe de estado permaneceram vistos como traidores por grande parte da nação. Foi somente após mais de uma década, com a distância assegurada pelo tempo e a gradual retomada de consciência pelo povo, que novo julgamento foi promovido e os oficiais envolvidos na Operação Valquíria foram absolvidos. Pela primeira vez a opinião pública quanto à guerra é retratada, ao se estabelecer formalmente que ao atentar contra o regime os oficiais estavam na realidade defendendo os interesses da Alemanha e não, como até então se acreditava, executando um ato de traição à pátria.

A repercussão da operação Valquíria nos anos posteriores à guerra oferece um panorama do tempo que foi necessário à consciência nacional para que a culpa fosse incorporada e assimilada. Nesse caso, fica evidente que durante os anos nazistas era inconcebível qualquer sentimento culposo, em especial pela legitimação social que o regime concedia aos inúmeros atentados cometidos contra a vida humana. A falta de conhecimento do que se passava nos campos de extermínio alegada por grande parte da população após o término da guerra está intimamente associada ao estreitamento do campo perceptivo consciente e, conseqüentemente, reitera a atuação inconsciente das massas observada durante o III Reich.

Naturalmente, como discutido anteriormente, essa falta de conhecimento pode ser atribuída à constelação de complexos de intensa tonalidade afetiva que obscureceram a capacidade racional de decisões pela população. Não obstante, enquanto elemento irracional, a culpa coletiva corresponde a um fenômeno que perdura após a guerra e demanda por elaboração. Mesmo que seja injusta a condenação das gerações posteriores,

a culpa transcende a esfera da lógica e se apresenta como um elemento que aponta para a necessidade de elaboração psicológica da catástrofe da guerra. Não ter conhecimento acerca do ocorrido não anula a catástrofe e tampouco exime os alemães e a humanidade como um todo de uma das maiores máculas na história. Nessa direção, a aceitação e a elaboração da culpa correspondem a uma atitude necessária e envolvem a responsabilização consciente pelas conseqüências da guerra. A ausência de reconhecimento da responsabilidade inviabiliza a redenção, e conseqüentemente, a possibilidade de renascimento.

Como se tentou demonstrar, o Nacional-Socialismo tanto se serviu de condições peculiares da sociedade alemã no início do século XX como desenvolveu uma série de mecanismos de persuasão que favoreceram a revolta das massas. Ao investigar os elementos históricos, foi possível identificar aquilo que era particular, exclusivo do movimento nazista. Todavia, conforme o olhar se aprofunda na sedução e no fascínio das massas na Alemanha se observa que para além das circunstâncias específicas que permitiram a emergência do Nacional-Socialismo, o nazismo apresenta características que são comuns à pós-modernidade. Dito de outra forma, se no caso particular da Alemanha é possível identificar os fatores que conduziram a nação à defesa de um ideal irracional, a atenta investigação do fenômeno nazista alerta para a possibilidade de uma nova explosão de forças inconscientes arquetípicas da mesma ordem na atualidade. O perigo contido na emergência de fulgurantes potências inconscientes é uma característica permanente do humano e a catástrofe, por sua vez, se apresenta cada vez mais como uma possibilidade real no cenário contemporâneo.

A atualidade do motivo nazista pode ser ilustrada pelo recente filme alemão baseado em fatos reais, *A onda* (2008), que apresenta de forma original a problemática da ditadura e do autoritarismo. No filme, o professor Rainer Wenger ministra a aula de autocracia e frente a comentários de seus alunos, que afirmam ser impossível semelhante adesão aos ideais nazistas na atualidade devido a uma maior civilidade e educação, ele propõe um experimento. O experimento simula a forma de organização autocrática nazista na sala de aula, introduzindo elementos como a disciplina, a liderança e a uniformização. Além disso, o grupo cria um símbolo, uma saudação e elege um nome – a onda. Aos poucos, o grupo cria uma identidade e o coletivo passa a exercer profundo fascínio e domínio sobre a consciência individual. Os uniformes eliminam as diferenças e o sentimento de igualdade dá início à instauração de uma verdadeira fraternidade. Aqueles que discordam e se opõem à continuidade do grupo são excluídos e suas manifestações rapidamente sufocadas.

Como era de se esperar, não tarda para que a experiência comece a sair do controle. Na aula de encerramento, o líder-professor incita seus alunos com promessas de uma nova ordem social e é recebido de forma efusiva com gritos e aplausos. Ao apontar como traidor

um de seus alunos que se contrapõe à manutenção da “onda”, rapidamente o grupo se vê imerso em uma manifestação de ódio, despejando palavras agressivas a um de seus integrantes. Nesse momento, o professor encerra o simulado e demonstra como a raiz do totalitarismo e da ditadura se apresenta presente e possível no cenário atual, questionando seus alunos sobre o que eles estariam dispostos a fazer com seu amigo, caso ele sugerisse. Esse momento capta o auge do sentimento de unidade e coesão grupal, frente à irracionalidade dos atos no seio do coletivo. Alguns alunos questionam, afirmando que o movimento também produziu resultados positivos. Não obstante, a origem do totalitarismo expresso no ideal do grupo e que engendra a possibilidade de união e fraternidade é a mesma que propicia a aniquilação do outro que se mostra diferente. No final, um dos pupilos mais dedicados ao movimento não tolera sua dissolução, saca uma arma, atira em um de seus colegas e termina cometendo suicídio.

“A onda” ilustra o caráter universal do movimento de massas observado no nazismo ao reapresentar a temática em uma sala de aula na contemporaneidade. Em um contexto extremamente distinto do alemão no início do século XX, é possível observar o fenômeno descrito como “possessão” por Jung (1988, par. 386) atuando na mobilização das massas e aglomerados humanos. Naturalmente, o que está sendo discutido não é a hipótese literal de que o mesmo Nacional-Socialismo reassuma o poder. O perigo que assombra as gerações do pós-guerra é a possibilidade de uma explosão de forças inconscientes análoga ao ocorrido na Alemanha. Traçando um paralelo entre a experiência educacional apresentada no filme e a realidade alemã, se vislumbra o incontestável fato de que ambas representam diferentes aspectos de um mesmo motivo psicológico – o Mal. Como Byington (2003) avalia:

[...] considerar Hitler e o Nazismo um caso único, representante do Mal absoluto, sem nada em comum com os normais e, por isso, não estudá-lo dentro da psicopatia e da psicose, parece-me uma idealização defensiva da natureza humana e um desserviço à humanidade, pois impede perceber a relação de ambos com a Sombra e com o Mal nas disfunções da elaboração simbólica expressas por intermédio das defesas, no indivíduo e na Cultura.

A questão do Mal representa uma preocupação milenar de filósofos, teólogos, sociólogos e psicólogos, bem como de todos aqueles que se motivaram a melhor compreender a complexidade da psique humana. Ao longo da história, o problema do Mal foi encarado e discutido sob diferentes ângulos e perspectivas. Quando se considera o nazismo como um símbolo do Mal, a mobilização das massas ganha nova perspectiva e lança à pós-modernidade o desafio de compreender os diversos significados que são por ela engendrados. Na tentativa de esclarecer o Mal representado simbolicamente pelo movimento Nacional-Socialista são apresentadas na seqüência algumas considerações

desenvolvidas no seio da Psicologia Analítica acerca da dimensão mais sombria da experiência humana.

As massas, como discutido amplamente ao longo deste trabalho, se caracterizam essencialmente pela inconsciência de suas ações, apoiadas em uma atuação predominante dos conteúdos da Sombra. Tal como explicitam Zweig e Abrams (2000, p. 187), se a sombra pessoal contempla o desenvolvimento subjetivo, a sombra coletiva aparece como uma “realidade objetiva a que, de modo geral, damos o nome de ‘mal’”. A esse respeito, Byington (2008) apresenta a Consciência e a Sombra como os representantes psicológicos diretos dos princípios do Bem e do Mal, respectivamente. Nesse sentido, a Sombra, extensamente discutida ao longo deste trabalho, está relacionada com tudo aquilo que por permanecer inconsciente assume para a consciência a representação do Mal.

Beck (2000) afirma que a incapacidade humana de assimilar sua própria mortalidade e reconhecer aquilo que se configura como o aspecto animal e irracional de sua existência, culminou na cisão fundamental das polaridades na psique humana. A Sombra emerge como o outro lado, sombrio e separado do humano, justamente por sua integração se constituir como um ato impossível ao indivíduo imerso na herança histórica da sociedade ocidental. O que decorre dessa característica essencial do funcionamento psicológico humano é justamente a tendência a negar o mal como uma parte da natureza humana. No interior da massa tem efeito uma identificação total com o coletivo, sua ideologia e sua figura de liderança, processo inconsciente que é descrito por Lévy Bruhl (apud JUNG, 1981, par. 329) como *participation mystique*. Para a consciência individual e coletiva tomada pelo ardor da massa, o grupo e sua ideologia representam o ideal do Bem. Conseqüentemente, o Mal passa a ser projetado no exterior, fenômeno amplamente observado durante o nazismo na forma do bode expiatório.

Durante milênios a imagem de diabos e demônios serviu como fonte de projeção, representando a personificação do fenômeno do Mal. Diamond (2000, p. 204) assinala que “em termos históricos, os demônios serviram como bodes expiatórios e repositórios para todos os tipos de emoções e impulsos inaceitáveis e ameaçadores [...]”. Ao se pronunciar acerca do mesmo fenômeno, Jung (2009) considera que os demônios são a representação simbólica de irrupções inconscientes de complexos. Nesse sentido, é fácil relacionar a noção medieval dos demônios com a representação nazista do Mal – enraizada no ideal antisemita e projetada, essencialmente, nas minorias étnicas e sociais.

A esse respeito, Diamond (2000) acrescenta que a compreensão dos demônios restrita unilateralmente ao aspecto negativo corresponderia a uma apreensão simplista da realidade. Na concepção analítica, o diabo, bem como o demônio, representaria apenas uma fração da totalidade do Mal, que pode ser descrita de forma mais própria pelo termo *daemônico*. Ao passo que o demoníaco é puramente negativo, o daemônico corresponde a

uma função arquetípica, que tem o poder de possessão e domínio sobre a consciência. O daemônico, nesse sentido, tem as características arquetípicas de totalidade e contempla tanto aspectos criativos como destrutivos.

O nazismo propiciou a expressão demoníaca em sua forma mais selvagem. Ao canalizar a grande agitação e efervescência popular na direção da destruição, se presenciou a possessão fanática das massas e o aspecto daemônico inerente à natureza humana se fez presente de forma unilateral, regido pelos aspectos irracionais e inconscientes. Contudo, como o autor apresenta, a noção do daemônico transcende essa perspectiva unilateral e abrange também os elementos criativos e construtivos da psique. Para que isso seja possível, é fundamental uma aproximação entre as polaridades consciente e inconsciente, mediante a busca da totalidade.

A negação do Mal como um elemento natural e permanente da existência humana contribui para a manutenção da cisão entre os opostos e impossibilita o reconhecimento de que tanto o Bem quanto o Mal correspondem a duas expressões complementares. A formação da Sombra, nesse sentido, está profundamente entrelaçada com a histórica tendência humana a reprimir e projetar os próprios demônios interiores. O aspecto criativo da representação do Mal pode ser considerada a partir da concepção de diabólico e simbólico, discutidas por May (1973, p. 154). Segundo o autor, o termo diabo:

[...] vem do vocábulo grego *diabolos*; “diabólico” é o termo da linguagem contemporânea. *Diábolos*, o que é interessante, significa literalmente “destróçar” (*dia-ballein*). É fascinante observar que diabólico é o antônimo de “simbólico”. O último vem de *sym-ballein* e significa “reunir”, unir. Estes vocábulos encerram tremendas implicações referentes à ontologia de bem e mal. O simbólico é aquilo que une, liga, integra o indivíduo em si mesmo e no seu grupo; o diabólico, pelo contrário, é o que desintegra e destroça.

A perspectiva simbólica oferece a possibilidade de uma superação da idéia das polaridades como opostos absolutos, apontando na direção de uma assimilação dos conteúdos da Sombra. Jung (1993) discute acerca da possibilidade de se vencer o mal, assinalando justamente que a primeira questão que se coloca é se temos a força necessária para consegui-lo. Bem e Mal na concepção do autor se apresentam, sobretudo, como princípios frente aos quais permanecemos ignorantes quanto a sua qualidade mais profunda. Como princípios, Bem e Mal podem ser apreendidos como expressões distintas originadas de um núcleo comum. Enquanto características que expressam polaridades distintas do arquétipo do self, a experiência do mal não é necessariamente algo negativo. Se o mundo é formado por uma totalidade plural que inclui tanto a possibilidade do bem quanto do mal, a experiência sombria do mal pode ser um caminho imperioso para que seja possível pôr um foco de luz sobre as trevas.

Enquanto metades distintas de um todo paradoxal, a questão do bem e mal dificilmente apresenta solução. O próprio Jung (1993) considera que tanto o bem quanto o mal correspondem à manifestação de uma dicotomia inerente ao humano, responsável pelo desenvolvimento do próprio princípio ético. Nessa perspectiva, o mal permanece mal e a função da individuação é aproximar essas polaridades, mediante o confronto com a escuridão. Como Jung (1964, p. 85) discute:

A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. Não nos resta nem a certeza de que um dia um destes fatores vai prevalecer sobre o outro, que o bem vai se transformar em mal, ou que a alegria há de derrotar a dor. A vida é uma batalha. Sempre foi, e sempre será. E se tal não acontecesse ela chegaria ao fim.

A superação da dicotomia representada na busca pela totalidade, dessa forma, se apresenta como uma saída muito mais saudável que a fixação em um dos extremos. Nessa perspectiva, a afirmação do Bem acima de tudo, como *via crucis* para a humanidade, corresponde a um perigo da mesma ordem. A unilateralidade expressa por essa atitude envolve igualmente uma identificação extremada com um dos opostos, o que opera em prol da manutenção da irreconciliável dicotomia contemporânea – o embate entre o certo e o errado na dimensão moral e entre Bem e Mal no nível ético. Nessa perspectiva, a essência da condição humana se apresenta como a busca pela totalidade, articulada em torno da idéia de uma interação saudável entre as polaridades. Nessa mesma direção, Schmookler (2000, p.214) acrescenta que:

A bondade reinará no mundo, não quando ela triunfar sobre o mal, mas quando o nosso amor por ela deixar de se expressar em termos de triunfo sobre o mal. A paz, se um dia vier, não será feita por pessoas que se fizeram santas, mas por pessoas que aceitaram humildemente sua condição de pecadores.

Toda crise possui em si o germe de uma oportunidade para a transformação. Em inúmeros momentos ao longo da história da humanidade foram presenciadas situações que engendraram a possibilidade de passagem a um ciclo de alteridade. Entretanto, repetidas vezes a superação das polaridades expressa na dimensão da cultura foi violentamente suprimida pelo coletivo. Como exemplo, é possível mencionar a própria República de Weimar instaurada após a I Guerra Mundial. Frente à oportunidade de superar as dicotomias inerentes a um estado subserviente característico de uma cultura excessivamente patriarcal, a nação alemã acabou regressando a uma ordenação

característica de uma sociedade que demanda a ordem, a regra e o dever para se organizar.

A discussão proporcionada pela Psicologia Analítica quanto ao milenar conflito que aflige a toda a humanidade – a luta com as sombras e com o mal – encontra fundamento na noção arquetípica da alteridade. Byington (2008) aponta a elaboração simbólica da Sombra como o percurso psicológico necessário para que o Bem possa ser resgatado no Arquétipo Central, o Self. Ao passo que o Arquétipo central é responsável por coordenar o processo de elaboração dos símbolos que irrompem à consciência humana, o Arquétipo da Alteridade orienta o processo de individuação, mediante o resgate da função ética. (BYINGTON, 2008). A ética, enquanto função estruturante do self aparece aqui sob uma nova perspectiva, tendo em vista que representa um passo fundamental no processo de individuação. Para além do conjunto de valores estabelecidos pela moralidade, essa nova ética permite situar o indivíduo e o coletivo na contemplação de ambos os opostos, “para além do bem e do mal.” (NIETZSCHE, 2003).

Por fim, com o objetivo de encaminhar a um desfecho a reflexão proposta neste trabalho, são discutidas algumas imagens do filme *O menino do pijama listrado* (2008) que ilustram de forma magnífica as últimas considerações desenvolvidas. O enredo do filme é baseado na inusitada amizade entre duas crianças, uma alemã e uma judia, separadas pelas grades de um campo de concentração.

A história começa com a mudança da família alemã para uma localidade próxima a um campo de concentração no interior da Alemanha. Trancado em sua própria residência, Bruno começa a ter aulas particulares com um senhor que o inicia no ensino da História recente de seu país e lhe entrega um almanaque que contém os últimos acontecimentos e feitos da Alemanha nazista. Em determinado momento, com o livro em seu colo, Bruno observa uma porta entreaberta que conduz para fora da residência e decide, malgrado as recomendações de sua mãe, partir para a exploração do território em busca de novas aventuras. É justamente essa partida que possibilita o encontro com Shmuel, o menino do pijama listrado que se encontra encerrado em um campo de concentração. Tem início uma amizade entre dois mundos opostos e Bruno passa a visitar seu novo amigo regularmente, instigado pela estranheza e pelas incompreensíveis diferenças entre os dois.

Contudo, o ponto nevrálgico da narrativa aparece quando eles decidem transpor a cerca e cavam um buraco para que Bruno passe para o lado de dentro do campo-prisão nazista. Tão logo os dois se encontram, um tumulto inapreensível tem início e eles acabam levados junto com a multidão para um dos “banhos” nazistas. Sob a premissa de que os prisioneiros tomariam banho, os soldados e oficiais os levavam a salas de extermínio, empregando diversas técnicas fatais para o assassinato dos judeus que lá se encontravam.

Ao final, os dois terminam incinerados, de mãos dadas, em meio ao desesperado grupo de judeus que também se encontrava ali.

Superada a indignação e a comoção iniciais, é possível amplificar algumas das cenas do filme com base nos conceitos da Psicologia Analítica e no dinamismo sombrio do fenômeno nazista. A princípio, é interessante considerar a cena em que Bruno foge de encontro ao campo de concentração. Quando refuta o almanaque, simbolicamente a criança está deixando para trás os preconceitos e a rigidez do antigo, indo de encontro ao seu destino. Ao partir na direção do novo, ele amplia sua consciência, extrapola os limites da casa e dá início a uma genuína busca pessoal que pode ser compreendida como uma entrada autêntica no seu processo de individuação.

Nessa perspectiva, é curioso que as duas personagens principais sejam crianças. A criança, concebida do ponto de vista arquetípico, engendra justamente a criação, o novo e a possibilidade de transformação, na contrapartida do velho, que representa a manutenção da ordem e daquilo que já é conhecido. Da semente infantil nasce a possibilidade de um encontro que transforma a vida dos dois, representantes de duas polaridades antagônicas, que podem ser expressas pela relação dialética sombra/consciência ou bem/mal.

Enquanto expressões distintas do mesmo princípio, a oposição Bem e o Mal é representada pelo nazismo e pelo judaísmo, ao se considerar que, para o alemão o judeu é o representante do Mal e vice-versa. Não obstante, o momento capital que enuncia a superação do maniqueísmo nacional-socialista ocorre com a transposição da barreira simbólica dos preconceitos, concretizada na grade e com a realização da possibilidade de se experimentar o lado de lá. Não obstante, tão logo isso acontece, as duas crianças são aniquiladas e com elas, a experiência da Alteridade.

Se a dinâmica do bode expiatório é o resultado de uma fixação da elaboração simbólica na Sombra, seu subproduto é a produção de uma consciência unilateral. Ao não tolerar a assimilação dos conteúdos inconscientes e projetar aquilo que não reconhece ou aceita como seu no exterior, o que se verifica é a negação e destruição do Outro. Assim como no filme a sociedade extermina a semente criativa e transformadora que segue na direção de superação dos extremismos, presenciamos o desenrolar de uma época em que as novas gerações se vêem tentando o mesmo feito – a conquista da alteridade.

Contudo, algumas perguntas formuladas ao longo do trabalho permanecem suspensas. Com o passar dos anos e as lições históricas, novas questões se desenvolvem no seio dos coletivos humanos e com elas emerge a necessidade de uma nova ética, capaz de promover o respeito às diferenças e a entrada no ciclo de Alteridade.

Nessa perspectiva, fica no ar a questão:

Até quando a humanidade produzirá a aniquilação do outro e a transformação do diferente em **ninguém**?

Ou melhor, quantas vezes ainda será necessário à civilização reduzir o Outro à condição de ninguém para que se torne possível reconhecer a si e aos demais como **alguém**?

...

11 Considerações finais

A realização de um trabalho que se pretenda a uma apreciação do nazismo é, sem sombra de dúvida, um grande desafio. Analisar o fenômeno das massas se insere em um terreno árido, uma vez que tal proposta parece ser relegada a segundo plano pela grande maioria dos teóricos e estudiosos da ciência conhecida como Psicologia. Alguns poucos se aventuraram nesse percurso no início do século, em especial devido à intensa eclosão dos movimentos de massa no início do século XX. Entretanto, a grande maioria dos psicólogos privilegiou a exploração das relações bipessoais, no espaço restrito da clínica particular. Na atualidade, gradualmente o tema recebe um enfoque maior e a Psicologia passa, cada vez mais a se impor como um campo de conhecimento de profunda valia para a análise acerca dos movimentos psicológicos de indivíduos sob o domínio das massas.

Dessa forma, grande esforço se fez necessário para a realização de tal tarefa, tendo em vista que a bibliografia neste domínio ainda é bastante escassa e permanece, sobretudo, marcada por documentos cujo enfoque reside no campo de conhecimento das Ciências Sociais e da História. Entretanto, os conceitos da Psicologia Analítica, entendidos sob o prisma da cultura e da sociedade, permitem uma significativa ampliação da compreensão dos fenômenos de massas e expandem consideravelmente o escopo da Psicologia para além do espaço relacional médico-terapeuta. Nesse contexto, as idéias de C. G. Jung oferecem uma profícua base sobre a qual é possível dar um passo em direção a uma compreensão dos fenômenos psíquicos tendo como ponto de partida o coletivo.

Em todo caso, é fundamental reconhecer que frente à complexidade do fenômeno, a análise possível do nazismo para os fins desta monografia é limitada. Ao longo da execução da pesquisa em questão, foi possível identificar uma série de aspectos que não puderam ser aprofundados neste momento, mas que seguramente são de grande importância na continuidade da reflexão do tema proposto.

As manifestações simbólicas, expressas mediante as imagens, emblemas e insígnias desenvolvidas pelo NSDAP podem ser indicadas como um novo caminho de análise, frente à representação que carregam do imaginário popular. A suástica, por si só, detém inúmeros significados e sua análise pode acrescentar muito à compreensão da atuação inconsciente das massas. Além disso, a música do compositor Richard Wagner e sua utilização nos comícios e eventos nazistas também se insere nessa categoria simbólica, devido aos sentimentos e emoções por ela invocados.

Outro tema de grande interesse e permeado por incrível controvérsia é o misticismo nazi. Após a guerra, muito foi dito acerca do envolvimento de Hitler e de seus oficiais mais próximos com cultos satânicos. A atenta investigação do entrelaçamento do ocultismo com

os princípios nazistas também se apresenta como um significativo percurso a ser trilhado, ao se ter como ponto de partida o desenvolvimento dos ideais antissemitas e de superioridade racial defendidos pelo Nacional-Socialismo.

Por fim, a discussão acerca do Mal e sua relação com o fenômeno nazista desenvolvida na conclusão do trabalho indubitavelmente assume o caráter de uma introdução à reflexão. Sua consecução oferece inúmeros desdobramentos, e a atenta análise das características específicas do Nacional-Socialismo poderia oferecer novas perspectivas sobre o tema, com a finalidade de complementar o quadro apresentado. Não obstante, ao se considerar um dos objetivos destacados na introdução do trabalho – a análise do nazismo como um símbolo na contemporaneidade –, é possível destacar a compreensão atingida acerca do nazismo como uma representação do Mal.

A possessão fanática das massas durante o Nazismo corresponde a um dos momentos de maior inconsciência na História da humanidade. Quando se investiga a psicologia das massas, é dado um passo em direção à tomada de consciência e à nova ética discutida nessa parte final. Ao refletir sobre a idéia do Mal e relacioná-la com o fenômeno nazista, a Psicologia Analítica contribui com o desenvolvimento de um olhar para a contemporaneidade, em que se almeja um equilíbrio em meio ao maniqueísmo que se presencia. Se, de um lado, o complexo cristaliza o significado de uma experiência, a noção arquetípica abre a perspectiva de transformação, uma vez que engendra diferentes sentidos e, com isso, novas possibilidades inéditas à consciência.

Na busca desenfreada pelo Bem e no eterno combate ao Mal, a humanidade provocou atos desesperados e milhões de vidas foram sacrificadas, como os acontecimentos na Alemanha o comprovam. Um novo paradigma se faz necessário às gerações futuras, um paradigma que permita ao humano o reconhecimento de suas potencialidades, de suas fraquezas, de seus anjos e de seus demônios. Um paradigma que possibilite o pleno reconhecimento da condição humana na direção da alteridade, atentando tanto para o que é socialmente aceitável como para o que não é. Tanto para o que se reconhece como sagrado como para o que se entende por profano. Tanto para o Bem como para o Mal.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BIRMAN, J. Psicologia das Massas. In: **FOLHA** de São Paulo, São Paulo, maio 2006. Disponível em: <<http://www.ituassu.com.br/birman.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2009.
- BYINGTON, C. Psiquiatria e política: a psicopatia individual e coletiva no nacional socialismo – um estudo da psicologia simbólica. **Junguiana**, n. 21. 2003. Disponível em: <http://carlosbyington.com.br/downloads/artigos/pt/psiquiatria_e_politica.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2009.
- BYINGTON, C. **Psicologia simbólica junguiana: a viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação**. São Paulo: Linear B, 2008.
- CANETTI, E. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COSTELLO, M. S. **Imagination, Illness and Injury: Jungian Psychology and the Somatic Dimensions of Perception**. London: Routledge, 2006.
- COUTO, S. P. **Os segredos do nazismo**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- DIAMOND, S. A. A remissão dos nossos diabos e demônios. In: ZWEIG, C.; ABRAMS, J.(Orgs.). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 203-208.
- DIEHL, P. **Propaganda e persuasão na Alemanha nazista**. São Paulo: AnnaBlume, 1996.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FEST, J. **Hitler**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- FRUTUOSO, S. G.; LOES, J. Os nazistas brasileiros. **Istoé**. São Paulo, ano 32, n. 2062, jun. 2009.
- GODOY, M. Polícia apreende material de grupo neonazista em SP. **Estado de São Paulo**. São Paulo, 17 jun. 2009.
- HACKER, J. Memórias de um soldado de Hitler. **BBC Revista história**. São Paulo, ano 1, ed. 1, ago. 2008. p. 54-57.

HITLER, A. **Minha luta**. São Paulo: 2ª ed. Centauro, 2003.

JACOBY, M. **Shame and the Origins of Self-Esteem: A Jungian Approach**. London: Routledge, 1996.

JUNG, C. G (org.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C. G. **Estudos sobre Psicologia Analítica. O.C. VII.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

JUNG, C. G. **Aspectos do drama contemporâneo. O.C. X.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

JUNG, C. G. **Civilização em transição. O.C. X.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

JUNG, C. G. **A energia psíquica. O.C. VIII.** 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Sincronicidade. O.C. VIII.** 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos. O.C. VI.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LENHARO, A. **Nazismo: O triunfo da vontade.** 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

MACHADO, R. **Zaratustra, Tragédia Nietzscheana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MAY, R. **Eros e repressão: amor e vontade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

MINERBI, A. **História ilustrada do nazismo vol.1: Rumo ao poder: 1919-1933.** São Paulo: Larousse do Brasil, 2009a.

MINERBI, A. **História ilustrada do nazismo vol.2: O poder e as conseqüências: 1933-1945.** São Paulo: Larousse do Brasil, 2009b.

NIETZSCHE, F.W. **A Gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F.W. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REICH, W. **Escute, Zé ninguém!** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SCHMOOKLER, A. B. O reconhecimento da nossa cisão interior. In: ZWEIG, C.; ABRAMS, J.(orgs.). **Ao encontro da sombra:** o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 211-214.

STEIN, M. **Jung – O mapa da alma:** uma introdução. 5ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VITORINO, W. II Guerra Mundial: O Conflito que mudou o mundo. **Revista História em curso.** São Paulo: Minuano, ano 1, n. 1, 2009.

VON FRANZ, M.-L. A realização da sombra. In: JUNG, C. G (org.). **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 168-176.

WAHBA, L. L. A sombra do antissemitismo: Jung e os anos 30. **Junguiana,** São Paulo, n. 22, p. 45-58, 2004.

WHITMONT, E. C. **Retorno da deusa.** 2ª ed. São Paulo: Summus, 1991.

ZOJA, L. **O Pai:** História e psicologia de uma espécie em extinção. São Paulo: Axis Mundi, 2005.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J.(orgs.). **Ao encontro da sombra:** o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

FILMOGRAFIA

A ONDA. Direção: Dennis Gansel. Drama. Alemanha, 2008. 1 DVD (101 min.): NTSC: son, color.

A QUEDA! – As últimas horas de Hitler. Direção: Oliver Hirschbiegel. Drama. Alemanha/Itália, 2004. 1 DVD (156 min.): NTSC: son., color.

ARQUITETURA da destruição. Direção: Peter Cohen. Documentário. Alemanha, 2004. 1 DVD (117 min.): NTSC: son., color.

O LEITOR. Direção: Stephen Daldry. Drama. Alemanha/EUA, 2008. 1 DVD (124 min.): NTSC: son., color.

O MENINO do pijama listrado. Direção: Mark Herman. Drama. EUA/Reino Unido. 2008. 1 DVD (94 min.): NTSC: son, color.

O OVO da serpente. Direção: Ingmar Bergman. Drama. Alemanha/EUA, 1977. 1 DVD (119 min.) NTSC: son., color.

OS FALSÁRIOS. Direção: Stephan Ruzowitsky. Drama. Áustria/Alemanha, 2009. 1 DVD (98 min.) NTSC: son., color.

OLYMPIA. Direção: Leni Riefenstahl. Documentário. Alemanha, 1938. 1 DVD (121 min.): NTSC: son.

OPERAÇÃO Valquíria. Direção: Bryan Singer. Drama. Alemanha/EUA, 2008. 1 DVD (121 min.): NTSC: son., color.

OLGA. Direção: Jayme Monjardim. Drama. Brasil, 2004. 1 DVD (141 min.): NTSC: son., color.

TRIUNFO da vontade. Direção: Leni Riefenstahl. Documentário. Alemanha, 1934. 1 DVD (110 min.): NTSC: son.